

ARCHIVOS
DO
MUSEU NACIONAL

Nunquam aliud natura, aliud sapientia dicit
J. 14, 321

In silvis academi quærere rerum,
Quamquam Socraticis madet sermonibus
Ladisl. Netto, ex Hor.

Vol. XXXII



RIO DE JANEIRO



1930

— ARCHIVOS —
— DO —
MUSEU NACIONAL



:: RIO DE JANEIRO ::

NOTA — Os Archivos do Museu Nacional
são publicados sem data fixa. O Boletim
do Museu Nacional é regularmente publicado
em Março, Junho, Setembro e Dezembro.

ARCHIVOS
DO
MUSEU NACIONAL

Nunquam aliud natura, aliud sapientia dicit
J. 14, 321

In silvis academi qucerere rerum,
Quamquam Socraticis madet sermonibus
Ladisl. Netto, ex Hor.

Vol. XXXII



RIO DE JANEIRO



1930

SUMMARIO:

	Pags.
A. J. de Sampaio — Eufilicinas do Rio Cuminá	7
Mello-Leitão — Aranhas do Cuminá	49
A. Childe — Trabalhos da divisão egiptologica	77

A correspondencia relativa ás publicações
do MUSÉU NACIONAL deve ser diri-
gida ao Director do Museu, Professor E.
Roquette-Pinto — Quinta da Boa Vista —
Río de Janeiro

A. J. DE SAMPAIO

Eufilicineas do Rio Cuminá

ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL

VOL. XXXII

RIO DE JANEIRO



A. J. DE SAMPAIO

Eufilicineas do Rio Cuminá

(Afl. do Rio Trombetas — E. do Pará)

e

Primeira Colletanea de Eufilicineas da Amazonia

(COM 11 ESTAMPAS)

A' mercê das identificações das plantas por mim colligidas no Estado do Pará, como botanico da Expedição Rondon á Serra Tumucumac (Set. 1928 a Jan. 1929), é meu intuito publicar notas preparatorias do trabalho final sobre a «Flora do rio Cuminá».

A respeito dessa viagem já publiquei uma primeira nota sob o titulo «A Flora Brasileira sob o ponto de vista phytogeographico», communicação feita á Academia Brasileira de Sciencias, «Annaes» de Set. 1929; e no Boletim do Museu Nacional as notas: Os Campos Geraes do Cuminá e a Phytogeographia do Brasil» (Bol. de Junho 1929) e «Phytogeographia do Brasil» (Bol. de Dez. 1930).

No presente trabalho vou tratar de Eufilicineas da Amazonia, subordinando-me aos mais recentes trabalhos, de: C. Christensen — «Index Filicum» 1916 e respectivo Supplemento; O. Posthumus — «The Ferns of Surinam and of French and British Guiana» (Java 1928), sendo que este autor, conforme declara em «Introduction», segue o citado Index Filicum, de C. Christensen; como trabalho mais recente: C. Christensen — «Taxonomic Fern-Studies:

- I. Revision of the Polypodioid Genera with longitudinal Coenosori (Cochlidiinae and Drymoglossinae); with a Discussion of ther Phylogeny, With 13 Plates.
- II. On a small Collection of Ferns from the State of Amazonas, Brazil, made by Mr. A. Roman in 1924.
— Copenhague 1929 —

Sempre que differente na Flora de Martius a denominação de cada especie, indico a differença no momento opportuno.

No correr do presente trabalho vão citados, a seu tempo, as publicações pteridológicas a que a cada momento me reporto.

O presente estudo, sendo relativo somente a Filicales Leptosporangiatae—Eufilicineae, obedece á ordem de familias constante dos trabalhos classicos, de C. Christensen, Index Filicum 1906 e Engler-Gilg-Syllabus der Pflanzenfamilien 1924, a saber:

Fam. I — Hymenophyllaceas.

II — Cyatheaceas.

III — Polypodiaceas.

IV — Parkeriaceas.

IV — Gleicheniaceas.

VI — Schizaeaceas.

VII — Osmundaceas.—

Antes porém, do estudo phytogeographico dessas familias na flora amazonica, passo á indicação do material por mim colligido, desde Belem até a Serra Tumucumac, via rio Cuminá.

Esse material foi identificado pelos illustres especialistas Dr. Alexandre Curt Brade, do Museu Nacional e Prof. Dr. E. Rosenstock, de Gotha; deixo aqui consignados meus agradecimentos por essa valiosa contribuição.

A lista, alphabetica por generos, dada a seguir, indica 22 especies, desde Belem até o Valle da Serra Tumucumac (Pico Ricardo Franco), das quaes apenas uma especie nova, seg. Prof. Rosenstock (em carta), mas sem material para descripção, por ser esteril o exemplar que encontrei.

Lista das Eufilicineas por mim coligidas no E. do Pará, de Belém á Serra Tumucumac

(Identificadas por Dr. A. C. Brade e Prof. Dr. E. Rosenstock)

1. *Adiantum cayennense* Willd. — Amazonas e Guiana.
2. *A. serrato-dentatum* Willd.: Amer. trop., Afr. trop. occid.
3. *A. lucidum* Sw.: Amer. tropical.
4. *Blechnum serrulatum* Rich.: Amer, trop., Asia, Australia trop. e Nova Caledonia.
5. *Dryopteris falciculata* (Rad.) O. Ktze: Rio, S. Paulo, Minas, Parahyba, Amazonas (Rio Negro e Rio Cuminá); Guiana Inglesa.
6. *D. protensa* (Afz.) C. Chr. var. *junesta* (Kze) C. Ch.: Guiana brasileira, Alto Amazonas, Pará, Bahia, Mato Grosso. (Area do typo: Am. trop. Africa ocid. trop.).

7. *Eschatogramme Desvauxii* (Kl.) C. Chr.; (Trinidad (? S. Vicent) Guiana, Brasil. (Amazonas, Pará, Mato Grosso), Bolivia.
8. *Leptochilus nicotianifolia* (Sw.) C. Chr.; desde o Mexico á Colombia e das Antilhas até Bahia.
9. *Lindsaya stricta* (Sw.) Dry, var. *elegans* Hk: Mexico, Antilhas, Guianas, Colombia, Amazonas, Pará, Maranhão, Minas Geraes e S. Paulo.
10. *Lygodium micans* St., das Indias occidentaes, Guiana Ingleza, Trinidad e S. Domingos.
11. *L. polymorphum* (Cav.) H.B.K. — Rio de Janeiro, Ceará, Pará, Amazonas, Guianas Holandesa e Ingleza, Venezuela, Ecuador, Perú, S. Domingos e Trinidad, Antilhas, Costa Rica e Mexico.
12. *Nephrolepis exaltata* (L.) Schott (?); dos tropicos em geral.
13. *N. Pickelii* Rosenst. n. sp. ined.: Pernambuco (Tapéra) e Pará (Belem).
14. *Polybotrya osmundacea* H.B.W., Amer. trop.
15. *Polypodium angustifolium* Sw.: Mexico, Florida, Cuba, Jamaica, Amer. Central, Colombia, Perú e Brasil (desde Amazonas até Rio Grande do Sul).
16. *P. brasiliense* Poir., America tropical.
17. *P. lycopodioides* L., America trop., Norte e Nordeste do Brazil, Martinica, Costa Rica, Africa trop.: Ilhas Mascarenhas.
18. *P. percussum* Cav.: Costa Rica, até Perú e Brasil (S. Catharina, Paraná, S. Paulo, Rio, Minas, Bahia, Pará e Amazonas.)
19. *Schizoloma* sp. n.: Pará: rio Cuminá.
20. *Stenochlaena japurensis* (Mart.) Griseb.: Amazonas, Pará, Bahia, Rio de Janeiro e Guianas.
21. *Trichomanes pennatum* Klf.: Bahia, Pará, Guianas Franceza e Holandesa e Perú.
22. *Trichomanes vittaria* DC. Guianas, Amazonas, Pará, Mato Grosso.

Na ordem da colheita, no Estado do Pará:.

Zona flo- restal . .	{	Belem	<i>Nephrolepis Pickelii</i> Rosenst. n. sp	
		Rio Cuminá:		
		Cachoeira do Tronco.	{	<i>Trichomanes vittaria</i>
				<i>Dryopteris protensa</i> var. <i>funesta</i>
		<i>Polypodium lycopodioides</i>		
		<i>Leptochilus nicotianifolius</i>		
		{	<i>Stenochlaena japurensis</i>	
Cachoeira do Mel.	{		<i>Trichomanes vittaria</i>	
			<i>Polypodium lycopodioides</i>	

Zona flo- restal . .	{	Cachoeira do Pirarara	<i>Adiantum cayennense</i>
		Cachoeira do Breu	<i>A. lucidum</i> <i>Adiantum cayennense</i> <i>Trichomanes vittaria</i> <i>Polybotrya osmundacca</i>
Campos Geraes . .	{	Medio Parú do Cuminá . . .	<i>Eschatogramme Desvauxii</i> <i>Dryopteris protensa</i> var. <i>funesta</i> <i>Lindsaya stricta</i> var. <i>elegans</i> <i>Lygodium polymorphum</i>
Valle da serra de Tumuc- umac . .			{

Eufilicineas da Amazonia

Sem pretender mais do que uma contribuição ao catalogo completo de Eufilicineas da Amazonia, passo a enumerar as especies citadas para essa região brasileira pelos diversos autores consultados, e bem assim as representadas no Herbario do Museu Nacional por especimens amazonicos ou paraenses.

De inicio, tenho a registrar a afirmação de H. Christ, em «Die Geographie der Farne 1910, p. 301, de que a Hylaea, com as suas inundações annuaes não é favoravel a filicineas».

H. Christ considera caracteristico da Amazonia, ou Hylaea brasileira, o gen. *Trichomanes* (Sect. *Feea*, *Lacostea* e *Neuromanens*), pela frequencia, seguindo-se-lhe neste particular os gen. *Polypodium*, *Polybotrya*, *Dryopteris*, *Schizaea*, *Adiantum*, *Lindsaya*, *Leptochilus*, etc., sendo notavel na região do Roraima os casos de endemismos, v. gr. de *Pterozonium*, *Hymenophyllopsis*, etc., havendo no Roraima grande numero de *Polypodiaceas*.

E' de notar o facto de serem pouco numerosos os fetos arborescentes; é que estas eufilicineas, como a maioria das especies deste grupo, carecem de quantidade normal de humidade, tanto soffrendo com o excesso quanto com a carencia.

Nota 1: Gen *Sphagnum*. Vem a proposito lembrar aqui o caso do gen. *Sphagnum* (Bryophytas) que segundo C. Warnstorff, em *Das Pflanzenreich*, 1911, «*Sphagnologia Universalis*», tem 342 especies, das quaes somente uma da Amazonia; seg. E. Ule («*Die Verbreitung der*

Torfmoose und Moore in Brasilien», Eng. Bot. Jahrb. XXVII, 1900), só era conhecida *Sphagnum negrense* Mitt., encontrada por Spruce no Amazonas, fazendo ver Ule que o gen. *Sphagnum* é antes peculiar ás montanhas.

Seg. Warnstorf, são relativamente numerosas as especies no Brazil, desde Goyaz; ha varias especies do Perú, Colombia, Venezuela e Guianas, mas na Amazonia apenas cita *S. negrense*; na Argentina tambem só uma especie; nas Ilhas Galapagos só uma especie.

Nota 2: Gen. *Stipa* L. (1753). Seg. A. S. Hitchcock — «The North American Species of *Stipa*» e «Synopsis of the South American Species of *Stipa*», em Contrib. from the U. S. Nat. Herb. 24, part 7, Washington 1925, o gen. *Stipa* L. conta cerca de 250 especies das regiões temperadas do mundo, em especial de estepes e planiciés, desde o Canadá até o planalto Mexicano. Quasi ausente na America Central, o genero reaparece nos Andes da Colombia; quasi ausente no Brazil, onde citado para Estados do Sul, é no entanto representado por numerosas especies no sul da Sul America.

Na America do Norte Hitchcock cita 45 esp., na America do Sul 89, das quaes do Brazil apenas as seguintes:

1. *Stipa filifolia* Nees — Brazil meridional (localidade não indicada).
2. *S. Juergensii* Hack. — Rio Grande do Sul.
3. *S. melanosperma* Pres. — Paraná e Paraguay.
4. *S. nutans* Hack. — Rio Grande do Sul.
5. *S. Sellowiana* Nees. — Paraná e Jordão (?).
6. *S. tenuiculmis* Hack. — Rio Grande do Sul.

Passando á citação das especies de cada familia de Eufilicineas na Amazonia, adopto para as especies a ordem alfabetica, tendo em vista a natureza simplesmente informativa do presente trabalho, isto é a Phytogeographia Floristica.

FAM. I

HYMENOPHYLLACEAS

Em «Geographie der Farne», H. Christ, cita como características da *Hylaea* varias especies de *Trichomanes*; de facto este genero é, na familia, o mais numeroso na Amazonia, como se depreende das especies que vamos citar; seg. H. Christ, as esp. características da *Hylaea* são *Trichomanes heterophyllum*, *T. amazonicum*, *T. Spruceanum*, *T. diversifrons*, *T. volubile*, *T. pedicellatum*, *T. Ankersii* e *T. commutatum*.

C. Christensen, em *Index Filicum* 1906, discordando de K. Prantl-Hymenophyllaceen 1875, admite para a família apenas 4 géneros, dois dos quaes são representados na flora amazonica: os gen. *Trichomanes* L. e *Hymenophyllum* Smith.

Gen. *Trichomanes* L. Segundo C. Christensen *Ind. Fil.* 1906, este género conta 228 espécies na flora mundial; nos autores consultados, encontro numerosas citações para a flora amazonica, sendo que é difficil estabelecer completo accordo entre os autores quanto ás espécies e suas designações; assim a Flora de Martius, cita *T. elegans* Rudge; no entanto O. Posthumus (*The Ferns of Surinam and of French and British Guiana, Malang, Java* 1928) colloca essa designação na synonymica de *T. diversifrons*.

Na impossibilidade de verificar a synonymia, seguiremos a citada obra de O. Posthumus que é a mais recente, dando a correspondencia das espécies citadas na Flora de Martius, assim:

1. *T. accedens* Presl.: Alto Amazonas, Pará (rio Acará) e Gu. Ingleza seg. *Fl. Mart.*; seg. O. Posthumus é da synonymia de *T. cristatum* Kaulf.; no *Herv. do Mus. Nac.* o exemplar de Brade 8435, det por Prof. Rosenstock, é de S. Paulo (Juquiá); E. do Rio (Therezopolis) Brade 9391 e 9835.
2. *T. amazonicum* Christ — *Hedwigia* 44, p. 359; Amazonas (Manáos).
3. *T. Ankersii* Parker, *Seg. Fl. Mart.* (sub *T. commutatum* J. W. Sturm) Gu. Ingleza e Pará (rio Acará); O. Posthumus indica as 3 Guianas e Amer. tropical. C. Christensen (*Taxon.*) admite duas formas, uma do rio Negro e outra do rio Negro e Uaupés. (Vide *T. commutatum*).
4. *T. arbuscula* Desv.: a *Fl. Mart.* (sub *T. Bancroftii* Hk. et Grev.), indica as 3 Guianas, Cuba oriental e Brasil: Pará (Collares), Amazonas (Barra do Rio Negro). No *Herv. Mus. Nac.*: Mato Grosso (Juruena) Hoehne 1743 e 1744; Pará (Schwacke); Amazonas: Manáos (Schwacke 420).
T. Bancroftii Hk. et Grev., na *Fl. Mart.*; vide *T. arbuscula* Desv.
5. *T. bicornis* Hk.: Ecuador, Gu. Ingleza e Brazil (seg. *Fl. Mart.*: Amazonas, rio Negro; S. Gabriel; no *Herv. Mus. Nac.*: Manáos, Schwacke s. n.; seg. C. Christensen (*Taxon.*) em Taracúá (rio Uaupés), Venezuela (rio Cassiquiare), Luetzelburg 22485 p.p.
T. brachypus Kunze — vide *T. pedicellatum*.
6. *T. cellulatum* Klotzsch; Gu. Ingleza, Venezuela e Norte do Brasil, até S. Paulo (coll. Wettstein & Schiffner) seg. Posthumus; seg. Flora de Martius: Gu. Ingl. e Amazonas (rio Uaupés). C. Christensen (*Taxon.*) cita-a em Taracúá, no rio Uaupés, No rio Negro e no Cassiquiare, Luetzelburg, 22385 e 22485 p.p.
T. commutatum J. W. Sturm: vide *T. Ankersii* Parker, seg. C. Christensen *Ind. Fil.* 1906 e O. Posthumus (l. c. 1928). Seg. H. Christ, (*Hedw.* 44) no Juruá mirim e no Perú.

7. *T. crispum* L.: Brasil oriental, Minas e Pará (Obidos); ilha Martinica e Jamaica, seg. Flora de Mart.; não citado por O. Posthumus nas Guianas, mas sim apenas indicados dois casos em que exemplares de *T. cristatum* Kaulf. e *T. pilosum* Raddi foram classificados como *T. crispum* L., respectivamente por J. Smith (Journ. of Bot. I, 200, 1842) e Baker (Trans. Linn. Soc. II Bot. II, 289, 1887). No Herv. Mus. Nac.; Amazonas: Vale do rio Quinó — Luetzelburg 21418 e 21404, Triporém; Luetzelburg 21401; E. do Rio: Petropolis, Spannagel 122.
8. *T. cristatum* Kaulf.: Bolivia, Gu. Holland. e Inglaterra e Brasil: Rio de Janeiro, Bahia, S. Paulo, Minas Geraes, Ceará, Alto Amazonas (Coary) seg. Fl. Mart.; seg. O. Posthumus, as 3 Guianas e Sul America Tropical. Vide ant. *C. accedens*.
9. *T. diversifrons* (Bory) Mett.; America Central, nas 3 Guianas e na Sul America Tropical, seg. O. Posthumus que cita syn. *T. elegans* Rudge, citada na Fl. Mart. para o rio Uaupés e Cachoeira de S. Gabriel no Rio Negro e Amer. Central, Gu. Ingl. e Gu. Franceza. No Herv. Mus. Nac.: Amazonas (Caldeirão) Schwacke s. n.; seg. H. Christ (Hedw. 1905): Juruá mirim e Alto Juruá.
10. *T. elegans* Rich.; nas 3 Guianas e em Sul Amer. trop. seg. O. Posthumus; a Fl. Mart. (sub. *T. Prieurii* Kze.) indica-a para America Central, Gu. Franceza, Gu. Inglaterra, Ilha S. Vicente; Guadalupe, Trinidad e Brasil: S. Catharina, Rio de Janeiro, Bahia e Amazonas (rio Japurá).
Acrescentar, seg. Herv. Mus. Nac.: Minas Geraes: Teixeira Soares, A. Samp. 584, Serra do Caraça, Damazio 1977; Rio de Janeiro, Brade s. n.; E. do Rio: Therezopolis, I. G. 57, e Brade s. n.; Amazonas: rio Iça, Schwacke s. n. e rio Papori, Luetzelburg 23883.
11. *T. Gardneri* v. d. B.: Taracuá (rio Uaupés), no E. do Amazonas; seg. C. Christensen — Taxon. Stud.
12. *T. guianense* Sturm: Guiana Inglaterra, seg. O. Posthumus l. c.; Amazonas: Taracuá (rio Uaupés), seg. C. Christensen — Taxon. Stud.
13. *T. heterophyllum* H. B. W. — Indicada por O. Posthumus para Guiana Inglaterra, Venezuela e Norte do Brasil, é citada pela Fl. Mart. no E. do Pará (Santarem) e no Amazonas (rio Negro). H. Christ, em Hedwigia 1905 cita-a na campina da Cachoeira do Marmelo, no rio Madeira.
T. holopterum Kze, da Guiana Franceza e da Amer. trop. seg. Posthumus, é provavel na Amazonia.
T. Hookeri Presl, da Amer. Central, das 3 Guianas, do Brasil e da Afr. occid., é provavel na Amazonia.
14. *T. Hostmannianum* Kze: nas 3 Guianas e Norte do Brasil: Pará

- e Amazonas: Manáos seg. H. Christ — Hedwigia 1905; Taracuá (rio Uaupés) seg. C. Christensen (Taxonom. Stud.); rio Negro, Luetzelburg 22230, no Herv. Mus. Nac.
15. *T. Huberi* Chr. Ind. Fil. — Amazonas.
 16. *T. Kapplerianum* Sturm: Gu. Franc., Holland. e Norte do Brasil, seg. Posthumus; no Brazil: Pará (rio Acará) seg. Fl. Mart.
 17. *T. Krausii* Hk. et Grev.: Amer. trop. e Florida; Guiana Inglesa, Venezuela, S. Domingo e Brazil; Rio (Corcovado), Pará- (rio Arepecury seg. Spruce, provavelmente Erepecurú ou Cuminá). No Herv. Mus. Nac.: E. de S. Paulo (Santos, Mosen 3112), S. Catharina, Schreiner s. n.; Minas Geraes (Retiro); Damazio 1840 E.
 18. *T. macilentum* v. d. Bosch —: Trinidad, Gu. Inglesa, Perú e Brasil, seg. Posthumus; no Brazil: Taracuá (rio Uaupés) seg. C. Christensen — Taxon. Stud.
 19. *T. Martiusii*, Presl.—Segundo C. Christensen. Index, é var. de *T. pilosum* Raddi, indicada por O. Posthumus somente para as tres Guianas. A Flora de Martius indica Gu. Ingl. e Holland. Brasil: E. do Rio, Pará e Alto Amazonas (rio Japurá) — C. Christensen, em Taxon. Stud. indica-a em Taracuá (rio Uaupés). H. Christ, em Hedwigia 44; Campina do Marmelo, no rio Madeira.
T. membranaceum L., seg. Posthumus: Gu. Franceza, Gu. Holandesa e Sul America Tropical; seg. Fl. Mart., na Gu. Franc. e Antilhas, provavel na Amazonia; Costa Rica, coll. Brade.
T. myrioneuron Lindm. — As tres Guianas, seg. Posthumus; prov. na Amazonia.
 20. *T. pedicellatum* Desv. Segundo Fl. Mart. (sub *T. brachypus* Kunze): Gu. Holandesa, Perú, ilhas Trinidad e S. Vicente e Brasil, (E. do Rio (Serra dos Orgãos), Bahia, Pará, (rio Acará), Segundo Posthumus é das 3 Guianas e da Amer. trop. No Herv. Mus. Nac.: Amazonas (Schwacke s. n.); Mato Grosso (S. Manoel) Hoehne 5263.
 21. *Trichomanes pennatum* Klf. A. geogr.: Bahia, Pará, Guianas Franceza e Holandesa e Perú, segundo Flora de Martius; seg. O. Posthumus, nas 3 Guianas, Brasil e Perú.
 Seg. C. Christensen (Ind. Fil.) tem como synonymia *T. floribundum* Hook. et Grev., da Ilha da Trindad. No Herv. do Mus. Nacional: Mato Grosso (Smith 125, sem ind. localidade; S. Manoel no rio Tapajoz, Hoehne 5271 e 5272; rio Arinos, Kuhlmann 52 e 53); Minas Geraes (Faz. de S. Anna?); Pará (Schwacke s. n. e sem local; Ferreira Penna sem n. e sem localidade); rio Cuminá, na mata da Cachoeira do Breu, 15—X—928, A. Samp. 5276; Amazonas (rio Papuri) Luetzelburg 23944. Seg. H. Christ (Hedw. 44): Juruá mirim. Est. do Rio, Santos Lima 54.

A proposito de *T. pennatum* Klf., Dr. Alexandre Curt Brade forneceu-me a seguinte nota: «Esta especie é frequentemente confundida com *T. pinnatum* Hedw. (= *Neuromanes Hedwigii* v. d. B., *T. floribundum* H. B. Willd, non Hk. et Grev.), mas differe desta pela maior estatura, pela folha 3-6 jugada, com pinna terminal linguiforme alongada e pinnas todas sesseis».

«A folha de *T. pinnatum* Hedw. é mais triangular, com pinnas mais numerosas lanceoladas e a pinna terminal lanceolada não alongada, sendo que as pinnas inferiores são pecioladas».

«Por causa dessas confusões na literatura é difficil indicar a area geographica de *T. pennatum*; o que parece é que *T. pinnatum* tem maior dispersão na America Central, emquanto que *T. pennatum* é limitado ao norte da America do Sul e algumas Antilhas».

«As especies *T. pennatum* Klf., *T. pinnatum* Hedw., *T. Hostmannianum*, *T. Schomburgkianum* e *T. vittaria* formam a secção ou sub-genero *Neuromanes* v. d. B., sendo que *T. vittaria* já approximada, pelo dimorphismo foliar, da Secção *Feea*, da mesma area geographica».

«Em *Index Filicum*, p. 647, C. Christensen dá *T. floribundum* Hook, et Grev. como synonymo de *T. pennatum*, o que é exacto, mas a pag. 640 sub *T. floribundum* Hk. et Grev. é indicada erradamente como synonymo *T. pinnatum*».

22. *T. pinnatum* Hedw.: Nas 3 Guianas e America tropical seg. Posthumus; seg. a Fl. Mart.: Gu. Ingl. e Holland., Venezuela, Panamá, Chiie, Ilha S. Domingo, Dominica, Guadelupe e Brasil: Bahia, Goyaz, Piahy, Ceará e Alto Amazonas. (Ega e Coari). Seg. H. Christ (Hedw. 44), no Perú.

No Herv. Muis. Nac.: Amazonas: Manaos, Schwacke 269; Tiporem, Luetzelburg 21350; Micran, Luetzelburg 21434; Igarapé, Luetzelburg 21508; Lamopi, Luetzelburg 20228; rio Quinó, Luetzelburg 21540 e 21407; Caná, Luetzelburg 21345 e 21519. *Mato Grosso*: leg. Smith 125; Juruena, Hoehne 1881 e 1882. Comemoração de Floriano, Hoehne 5377-78; *Minas Geraes*: Serra da Piedade, L. Damazio, 1218. C. Christensen (Taxon) indica-a em Taracua, no rio Uaupés.

T. polypodioides L: America Central Gu. Franceza e Trop. Sul America; prov. na Amazonia. Brasil até Rio Grande do Sul.

T. Prieurii Kunze — Vide *T. elegans* Rich., seg. C. Christensen Ind. Fil. 1906 e Posthumus (l. c. 1928).

23. *T. punctatum* Poir.: as 3 Guianas e Amer. trop. seg. Posthumus; seg. Fl. Mart. Gu. Hollandeza, Ilha Martinica e outras Antilhas e Pará (Caripi). No Herv. Mus. Nac.: Alto Amazonas, Schwacke s. n. e Manaos, Schwacke 439 e 538; E. do Rio (Serra de Friburgo) Kuhlmann s. n.

24. *T. pusillum* Sw., citado pela Fl. Mart. em Jamaica, Venezuela e Brasil: Amazonas (rio Japurá e rio Negro) e Pará (rio Acará).
25. *T. pyxidiferum* L.: Gu. Franceza, Gu. Ingleza, Perú, Ecuador e Afr. trop. seg. Posthumus; seg. Fl. de Mart.: Ilha de S. Domingo, Jamaica e Brasil (Serra dos Orgãos, Serra do Mar, Maranhão, Piauí, e Pará). O Herv. Mus. Nac. permittê acrescentar: S. Catharina, Schreiner s. n.
C. Christensen Index Filicum 1906, indica simplesmente «tropical», dando uma longa synonymia, entre os sinonimos *T. brasiliense*.
No Rio de Janeiro, Prof. Rosenstock («Neue Arten und Abarten brasilianischer Pteridophyten» em Fedde — Repertorium Nov. Spec. XX, 1924, p. 89), cita a var. *organense* Rosenst. e a f. *gracile* Rosenst., a primeira da Serra dos Orgãos e a segunda do Corcovado (Rio de Janeiro). No Herv. do Mus. Nac.: Paraná (Villa Velha), P. Dusen 2749.
T. emarginatum Presl. que C. Christensen cita na synonymia e *T. pyxidiferum*, é indicado por Prof. Rosenstock («Beitr. zur Pteridoph. Südbrasilien II, em Hedwigia 1906) em Rio Grande do Sul e S. Catharina.
26. *T. radicans* Sw.; seg. Posthumus, é das 3 Guianas (inclusive Roraima), Guatemala, Costa Rica, Ecuador, Columbia; no Herv. Mus. Nac. Brasil: Paraná, S. Catharina, R. Janeiro, E. do Rio e Minas Geraes.
Var. *repens* — Seg. Fl. Mart. (Sub. *T. repens* Schott), Bolívia, Venezuela e Brasil: Alto Amazonas (rio Japurá) Pará, Bahia e S. Paulo.
Var. *scandens* Kl.: Rio Negro.
- T. rigidum* Sw. — America Central. Nas 3 Guianas e na Sul America tropical até S. Catharina; seg. Posthumus: provavelmente na Amazonia.
- T. repens* Schott — vide *T. radicans* var. *repens*, seg. C. Christensen, Ind. Fil.
27. *T. roraimense* Jenman. — Roraima, seg. Posthumus. Não citado na Fl. de Mart.
T. Sellowianum Presl. — Guiana Hollandeza e Sul Amer. trop. seg. Posthumus. Segundo Flora Mart.: E. do Rio, Espírito Santo, Bahia, Goyaz, Gu. Hollandeza. Provavel na Amazonia.
- T. sphenoides* Kunze — Florida, as 3 Guianas e Sul America tropical, segundo Posthumus; provavel na Amazonia.
28. *T. Spruceanum* Hk., var. de *T. heterophyllum* H.B.W. (seg. C. Christensen Ind. Fil.; Amazonas (rio Negro, Cachoeira de S. Gabriel), seg. Fl. Mart. Esta especie não é citada por O. Posthumus.
29. *T. tanaicum* Hk.: Pará, rio Acará, proximo a Tanai. Seg. C.

Christensen (Taxon.) perto do rio Uaupés. Seg. H. Christ (Hedw. 44) no rio Juruá.

- T. trigonum* Desv. — Guianas Franceza e Ingleza e Amer. trop. seg. Posthumus. Provavel na Amazonia.
30. *T. Vittaria* DC.; das 3 Guianas e do Norte do Brasil seg. O. Posthumus; no Brazil: Pará (Topibó) seg. Fl. Mart.; Amazonas, seg. Christensen — Ind. Fil.; seg. H. Christ (Hedw. 44): rio Madeira, C. Hieronymus (Pl. Stubeliana) indica Baião, no rio Tocantins. No Herv. Mus. Nac.: Pará: Serra de Santarem, leg. Schwacke s. n., em 1877; Rio Cuminá, na mata da Cachoeira do Tronco (19—IX—1928) A. Samp. 5040; na mata do Igarapé Caranaú (21—IX—1928) A. Samp. 5074; na mata da Cachoeira do Mel (28—XI—1928), A. Samp. 5115; mata da Cachoeira do Breu (11—XI—1928) A. Samp. 5245. E. de Mato Grosso: Hoehne 5274 e 5273, Fev. 1912, em mata.

Nota: E' interessante indicar casos de endemismos disjuntos, muito separados, de algumas especies de Trichomanes não amazonicas. Ha varios exemplos como os seguintes, na Flora de Martius: *T. eximium* Kunze — Rio de Janeiro, Venezuela e Cuba. *T. emarginatum* Presl — Rio de Janeiro, E. do Rio e Cuba. *T. mandioccanum* Raddi — E. do Rio, S. Paulo e Venezuela. *T. tenerum* Spreng — E. de Minas (Mantiqueira), E. do Rio (Serra da Estrella) e Bolivia (Chiquitos).

Gen. HYMENOPHYLLUM Smith. Segundo C. Christensen — Index Filicum 1906, este genero conta 231 especies, das quaes as seguintes estão citados em varios autores para a Amazonia.

1. *H. abruptum* Hk.: Antilhas, Guiana Franceza e Brasil seg. O. Posthumus.
A Flora de Martius (sub. *H. brevifrons* Kze) indica Pará, Gu. Ingl. e Patagonia.
H. amoenum Klotzsch, Fl. Mart.: vide *H. crispum*.
- 1-a. *H. angustum* V. d. Bosch: rio Uaupés, Seg. C. Christensen Taxon. II; 1929.
2. *H. asplenioides* Sw.: Gu. Ingleza (Roraima) e Brasil seg. Posthumus. No Rio de Janeiro e no E. de S. Paulo (Serra do Cubatão) seg. Mart. No Herv. Mus. Nac.: Paraná (Ypiranga) P. Dusen 3494; E. S. Paulo (Santos) Mosen 3104, E. do Rio (Serra do Orgãos) Brade 9201, Minas (Serra do Frazão) L. Damazio 1863.
3. *H. caudiculatum* Mart.; Patagonia e Brasil seg. C. Christensen, no Brasil, seg. Fl. Mart. Rio de Janeiro, E. do Rio, S. Paulo, Minas, Amazonas (rio Japurá e Cachoeira de S. Gabriel, no rio Negro). Seg. Herv. Mus. Nacional; Paraná: Schwacke s. n., Ypiranga, Dusen 3344.

4. *H. ciliatum* Sw.: Amer. trop., Afr. trop. e Austral (v. gr. ilhas Sikkim) e Nova Zelandia, segundo C. Christensen Ind. Fil.; na America, seg. Fl. Mart.: E. de S. Paulo, E. do Rio (Serra dos Orgãos), Rio de Janeiro, Amazonas (rio Japurá e barra do rio Negro), Pará (rio Acará), Gu. Holland., Venezuela e Jamaica. Seg. Herv. Mus. Nac. ha a acrescencia: Minas Geraes (Serra de Ouro Preto) Ule 256, Paraná (Villa Velha) Dusen 2750, Ypiranga, P. Dusen 3721 e 3447.
- O. Posthumus cita apenas as 3 Guianas e Sul America tropical. C. Christensen (Taxon.) indica-a no rio Uaupés.
5. *H. crispum* H. B. K., da Amer. trop. seg. C. Christensen Ind. Fil.; Gu. Ingleza (Roraima) e Sul Amer. trop. seg. Posthumus. A. Flora de Martius (sub. *H. amoenum* Klotzsch) cita Gu. Ingl., Perú oriental, provavel na Amazonia.
- H. dejectum* Baker — Gu. Ingleza (Roraima) seg. Posthumus. E' provavelmente *Hymenophyllopis* Goeb. n. Gen. citado adiante.
6. *H. fucoides* Sw.: Roraima e Sul Amer. trop., seg. Posthumus, é de Costa Rica e Brasil: Roraima e E. do Rio, seg. Brade.
7. *H. hirsutum* Sw.: Amer. trop. e Afr. trop. (com ilhas) seg. C. Christensen Ind. Fil. Na Amer. seg. Fl. Mart.: Jamaica, Venezuela, Perú oriental e Brasil: E. do Rio e Amazonas (rio Uaupés e rio Negro).
8. *H. lineare* Sw.: Roraima, Sul America trop. e Africa seg. Posthumus.
9. *H. microcarpum* Desv.: Roraima e Sul Amer. trop. seg. Posthumus.
10. *H. polyanthos* Sw.: Amer. trop. antart., Afr. trop. occid., Madagascar e outras zonas com duvida, seg. C. Christensen Ind. Fil.; C. Christensen (Taxon.) cita em Taracuá (rio Uaupés); na America, seg. Fl. Mart.: Guiana Holandesa, Gu. Ingleza, Venezuela e Brasil: Rio de Janeiro e Pará (rio Acará). Posthumus indica as 3 Guianas, Amer. trop. e Africa. Como provaveis na Amazonia, a Fl. Mart. cita as duas designações *H. protusum* Hk. e *H. Schomburgkii* Presl. que são da synonymia de variedades de *H. polyanthos*, seg. C. Christensen. No Herb. Mus. Nac.: S. Catharina (Itajahy, Fr. Müller. 36, Blumenau, Schwacke 35 col. IV); Paraná (Curitiba, P. Dusen 2305, Vila Velha, P. Dusen s. n.); E. de S. Paulo (Santos, Mosen 3103); Rio de Janeiro, Riedel s. n.; Minas Geraes (Serra de Ouro Preto, L. Damazio 509); Mato Grosso, H. Smith s. n.; Pará (S. Joaquim, Jobert-Schwacke s. n.). A especie é indicada na Colombia por E. Rosenstock em Mem. Soc. Neuch. Sc. Nat. V, 1912.

Var. *oxycarpum* Ros.: Amazonas; rio Papori, Luetzelburg 23863.

11. *H. sericeum* Sw., do Roraima e do rio Corantyne (Gu. Ingl.) e Sul Amer. trop. seg. O. Posthumus.

FAM. II

CYATHEACEAS

Não são numerosas as Cyatheaceas na Amazonia; na região do rio Cuminá, que percorri, não encontrei representante.

Seg. C. Christensen — Index Filicum 1906, a fam. das Cyatheaceas consta de 7 generos com um total de 456 especies, os dois generos maiores sendo *Cyathea* com 182 esp. e *Alsophila* 185.

O gen. *Alsophila* é o mais representado na flora amazonica, como vamos ver, sendo que das Cyatheaceas só tres generos são a considerar: *Cyathea*, *Hemitelia* e *Alsophila*.

Gen. *CYATHEA* Smith — A Flora de Martius não indica *Cyathea* na Amazonia; H. Christ, em Die Geographie der Farne 1910, p. 303 cita como endemica *C. pilosa*; se se trata de *C. pilosa* Baker, é do Perú seg. C. Christensen — Ind. Fil.

1. *C. calva* Karst., do Roraima.
2. *Cyathea oyapoka* Jenm., do Oyapok.
3. *C. petiolulata* Karst., do Roraima.

Provaveis na Amazonia: *C. arborea* (L.) Sm., por ser de Antilhas, Equador, as 3 Guianas e Brasil; *C. vestita* Mart., por ser da Colombia, Guiana Ingleza e Brasil.

Gen. *HEMITELIA* R. Br.

1. *H. escuquensis* Karst.: Colombia, Amazonas e Porto Rico, seg. C. Christensen.
2. *H. grandifolia* (Willd.) Spr.: Amer. trop.; do Pará, seg. Martius.
3. *H. macrocarpa* Presl., do Roraima, seg. Posthumus, é de Guianas e Brasil, seg. C. Christensen.
4. *H. multiflora* (Sm.) Spr., da Sul-Amer. trop., verificada no Pará e no rio Negro.

Var. *Sprucei* Bak. — Rio Negro.

5. *H. platylepis* Hk. — Amazonas, seg. C. Christensen.
6. *H. subincisa* Kze. — Roraima, seg. Posthumus, é de Guatemala — Perú e Guiana, seg. C. Christensen.
7. *H. Trailii* Bak. — Amazonas, seg. C. Christensen.

Gen. *ALSOPHILA* R. Br. — É o genero mais representado na flora amazonica, dentre as Cyatheaceas.

1. *A. armata* (Sw.) Pr. — Indicada na *Hylaea* por H. Christ em *Die Geogr. d. Farne* p. 303; no rio Ayari (Amazonas) Luetzelburg colheu o exemplar 23641 que foi identificado pelo Prof. Rosenstock como *A. armata*, aff. — *America tropical*, seg. Rosenstock que a indica na Colombia, em *Mem. Soc. Neuchat. Sc. Nat.*, V, 1912.
2. *A. aspera* R. Br., var.: Amazonas (Mañáos), Luetzelburg 23900, a especie é de Antilhas e Costa Rica, seg. C. Christensen Ind. Fil.
3. *A. bipinnatifida* Bak. — do Roraima, seg. Posthumus.
4. *A. blechnoides* Hk.: Antilhas, Guianas, Perú e Brasil: matas do rio Negro, no Amazonas e de S. Manoel em Mato Grosso; recentemente Luetzelburg colheu a especie no rio Papori e no rio Negro.
5. *A. compta* Mart.: Do Mexico ao Equador e Brasil: Amazonas (Rio Negro) e E. do Rio.
A. elongata Hk. — Amer. Central, Colombia e Brasil: Rio de Janeiro (Tijuca: *A. tijucensis* Fée) — Provavelna Amazonia.
A. ferox Pr. — Vide *A. microdonta* —.
5. *A. macrosora* Bak: Roraima, seg. Posthumus.
6. *A. marginalis* Kl. — Roraima, seg. Posthumus.
7. *A. microdonta* Desv.: O fêto aborescente de maior dispersão na Amer. trop., seg. Bommer e Christ. (Fil. em *Prim. Flor. Costaric.* p. 11): Antilhas, Amer. Centr., Trindad, Perú e Brasil (Pará e Estados centraes e austraes) — Amazonas (rio Negro) Luetzelbug 22241.
8. *A. microphylla* Kl.: Venezuela, Colombia e Roraima, seg. Posthumus
9. *A. nigra* Mart. — Alto Amazonas (rio Japurá) e Mato Grosso (S. Manoel).
10. *A. oblonga* Kl. —, do Roraima, Gu. Ingl. e Gu. Holland., seg. Posthumus.
11. *A. phalerata* Mart.: Antilhas, Colombia, Guiana e Brasil (Alto Amazonas (rio Negro), Bahia, Rio de Janeiro e Paraná).
12. *A. piligera* Hieron. (f. *exindusiata* de *Hemitelia Hostmanni* Hk.): Pará.
A. pilosa, citada por H. Christ — *Geograph. der Farne*, p. 303, indicação de autor; caso de Mart. e Gal. é, seg. C. Christensen = *Dryopteris rudis*.
13. *A. praecincta* Hze — Mato Grosso, Bahia e Pará.
14. *A. procera* (Willd.) Desv. — Perú e Brasil: Pará, Minas, S. Paulo e E. do Rio.
A. Ulei Chr. (Hedw. 44) — Perú — Provavel na Amazonia.
15. *A. villosa* (H. B. Willd.) Desv.: Roraima e Sul Amer. trop., seg. Posthumus.

E' interessante annotar que *A. Miersii* Hk. é de Venezuela e do Brasil, mas em nosso paiz só verificada no Rio de Janeiro (Tijuca), E. do Rio (Serra dos Orgãos) e S. Catharina.

Outro caso semelhante é o de *A. arbuscula* Pr. das Guianas e do Brasil, mas só do E. do Rio (Serra dos Orgãos), Rio de Janeiro (Tijuca), S. Catharina, Paraná, S. Paulo e Minas Geraes.

A. aquilina Christ é de Cuba e do Brasil (R. Gr. do Sul e E. de S. Paulo). Seg. Dr. Brade, porém, o exemplar colhido em S. Paulo por Usteri é *A. villosa*.

A. nitens J. Sm. é das Antilhas, Panamá e Brasil (R. Gr. do Sul).

A. leucolepis Mart. é de Costa Rica e Brasil (Minas Geras, Tijuca no Rio de Janeiro e S. Paulo).

A. plagiopteris Mart.: Equador e Brasil: S. Paulo, Rio de Janeiro e E. do Rio (Angra dos Reis).

A. poeppigii Hk.: Perú e? Brasil (Marianna, no E. de Minas Geraes).

Genero **Hymenophyllopsis** Goeb. n. gen.

Nota a Polypodiaceas e Cyatheaceas: O novo genero *Hymenophyllopsis* Goeb., typ. *H. dejecta* Goebel (? = *Hymenophyllum dejectum* Bak.), tem duvida se Polypodiaceas (onde Brause collocou a esp. original *Asplenium dejectum* Brause n. nudum, em Ule — Veget. d. Roraima) ou Cyatheacea, como presume Prof. Goebel, que não teve material com esporangios perfeitos para exame, (vide: Goebel em *Archeogoniatenstudien* XVIII. Roraima Farne, em flora od. Allg. Bot. Zeit. N. F. Bd. 24, Heft I, Jena 1929), fica aqui citado como fêto do Roraima, onde colhido em epocas diferentes por E. Ule e Ph. von Luetzelburg. Mais recentemente colhido por Luetzelburg (n. 21594) em Igarapé Arapopo.

Cito aqui o genero em separado, com o proposito de chamar para elle a atenção dos que possam colher material para posteriores estudos.

FAM. III

POLYPODIACEAS

Acrostichum aureum L., Trop., e sub-trop. dos pantanos do litoral marítimo, é provavel no do Pará; embora planta cosmopolita (como diz a Fl. de Martius) parece não existir no Pará, pois ainda não encontrei citação dela; não é planta que possa passar despercebida, pois é um fêto de grandes folhas, lembrando as *Cycas* geralmente culti-

vadas em jardins. Vive em geral por traz dos mangaes de *Rhizophora mangle* e como taes formações existem na costa do Pará, admira decerto que uma tal planta halóphila ahi não se encontre: J. Huber, por exemplo, não a cita quando trata de mangaes em seu valioso trabalho «Mattas e Madeiras Amazonicas» no Boletim do Museu Goeldi VI — 1909.

Acrostichum aureum com a subspec. *A. lomarioides* Jenn., é frequente nos mangaes do Brazil, onde vive de regra por traz da vegetação de *Rhizophora* ou de mangue propriamente dito, e em comum com o araticum (areticú na Amazonia: *Anona palustris*) e o algodão do mangue (*Hibiscus tiliaceus*), plantas tambem do litoral do Pará.

H. Christ (*Chrysodium aureum* (L.) Mett.) diz ser *A. aureum* o unico fêto que resiste á agua salgada e que se encontra ao longo da costa desde Florida e Bermudas até o sul do Brazil, de Bengala e o Sul da China até o Norte da Australia e Polynesia, e no Sueste e no Oeste da Africa até as Mascarenhas.

«No Panamá, diz Hemsley (Biol. Centr. Amer. IV p. 161) ha por vezes, nos mangues, grandes trechos cobertos de «*guagaro de puerco*» (*A. aureum*), com as frondes atingindo dez pés de altura.

Hemsley (l. c. III p. 683) indica: Florida — Sul do Mexico, Guatemala, Nicaragua, Panamá, Bermudas e Indias Occidentaes até Perú e Sul do Brasil, largamente espalhada nas regiões tropicaes e sub-tropicaes e do Novo Mundo.»

Embora não citada a Guiana por Hemsley, devo considerar como existindo na Guiana Franceza de onde descrita sob o nome de *Chrysodium cayennense* Fée. *A. cayennense* Pr. = *Acrostichum aureum* L.). O. Posthumus (The Ferns of Surinam, etc. 1928) cita as 3 Guianas e as regiões tropicaes e sub-tropicaes.

Bem pode acontecer no emtanto, não existir *A. aureum* nos mangaes do Pará, pois J. Huber (Mattas e Mad. Amaz. p. 93) notou a ausencia de *Conocarpus erectus* e *Bucida buceras* nas costas do Pará, havendo no emtanto estas duas plantas nas costas do Maranhão e da Guiana Franceza.

1. *Adiantopsis alata* Presl.: Brazil (Bahia) e Guiana; provavel na Amazonia.
2. *Adiantum cayennense* Willd.: Guiana e Amazonas, seg. C. Christensen — Index Filicum (1906); seg. Fl. de Martius, a denominação de Willdenow figura da sinonimia de *Adiantum lancea* Bak. (*A. tetraphyllum* N. B. Willd. seg. C. Christensen). que dá como sendo de Rio de Janeiro (Corcovado), Bahia, Ceará, Pará (rio Acará), Alto Amazonas, Gu. Holand., Gu. Franceza e Gu. Ingleza, mas, seg. C. Christensen, *A. cayennense* Willd. não é synonymo de *A. tetraphyllum*. No Hervario do Museu Nacional (classificação de acordo com C. Christensen — Index

- Filicum), ha os seguintes exemplares de *A. cayennense*; Manáos — Schwacke n. 247 (det. Rosenstock); Salto Manôa — Luetzelburg 20217, 20383 e 20373 (det. Rosenstock) na mata humida; Pará, na mata da Cachoeira do Breu (rio Cuminá) não frequente — A. Samp. 5244 (10-X-928) e na Cach. do Pirarara (Rio Cuminá), na mata 8—X—928 — A. Samp. 5216 A. (Det. Brade).
3. *A. capillus-veneris* L. — Europa ocid. e austr., Asia temp., Himalaya, Ceylão, Queensland, Polynesia, Amer. do Norte merid. e ocid., Colombia, Amazonas e Pará.
 4. *A. deflectens* Mart.; Venezuela, Guianas e Brasil, segundo C. Christensen — Ind. Fil.; Pará, seg. Martius.
 5. *A. delicatulum* Bak. — Brasil, segundo C. Christensen — Pará.
 6. *A. glaucescens* Kze: Ecuador, Guianas, Amazonas e Pará, seg. C. Christensen — Ind. Fil.
 7. *A. gracile* Féc: Amazonas (rio Negro).
 8. *A. intermedium* Sw.: Pará e Amazonas.
 9. *A. Leprieuri* Hk. — Oyapok.
 10. *Adiantum lucidum* (Cav.?) Sw.; seg. Fl. Mart.: Guiana Franceza, Perú, Panamá, Antilhas e Brasil, (Ilhéos) e tambem na Costa Rica, seg. Brade. Segundo Hieronymus (Pl. Stuebel.): Colombia (S. Marta) Herb. Mus. Nacional: Panamá (Canal Zone) Stanley 26367; *Brasil*: rio Cuminá, na matta da Cachoeira do Pirarara 8—X—1928, A. Samp. 5217; Pernambuco, nas clareiras das matas, Agosto 1925. D. Bento Pickel 42. Em duvida se *A. lucidum* ou a especie proxima *A. dolosum*, o exemplar 8243 de Brade, E. S. Paulo — Iguape.
- A. lunulatum* Burm., — Na Amazonia? A. geogr.: Afr., Asia, Australia, Polynesia trop., Amer. Central (Costa Rica seg. Brade), Brasil: no Herb. Mus. Nac. n. 991: Minas Geraes; n. 17897 Pernambuco, (det. Prof. Rosenstock).
11. *Adiantum Rondoni* A. Samp.—Amazonas (l. a. n. ind.)—Schwacke 497, det. Rosenstock. Esta especie foi encontrada primeiro em Mato Grosso por Hoehne 5292, de onde é o exemplar original; o exemplar do Amazonas foi determinado pelo Prof. Rosenstock.
 12. *A. serrato-dentatum* Willd.: Amer. trop. (seg. C. Christ. Ind. Fil.), Colombia (seg. Hieronymus Pl. Stuebel.), Africa ocid. trop. e toda a Amer. trop. (seg. Fl. Mart.). Lindman, em Ark. f. Bot. I, cita-a, sob o nome *A. obtusum* Willd., para Rio de Janeiro, Bahia, Goyaz, Mato Grosso, Amazonas, Pará, Guiana e Africa tropical.
Herb. Mus. Nac.: *Rio de Janeiro* (Ilha do Governador II — 1929, C. V. Freire s. n.; sem indicação de local, Moser

68, Riedel s. n.; Alto da Boa Vista 3—II—929, Brade s. n. — Mato Grosso: H. Smith 22; rio Tapajoz: S. Ursula, Jan. 1915, Kuhlmann 32 e 33; *Pará*, Vale da Serra Tumucumac, frequente na borda dos campos e no buritisa da base do Pico Ricardo Franco 12—XII—928; A. Samp. 5860; Marajó, 1877, Jobert — Schwacke s. n.; *Amazonas*: Serra do Camelo VIII—1927, Luetzelburg 20870 e Serra do Frechal IX, 1927, Luetzelburg 21110.

13. *Adiantum terminatum* Kze (=hirtum Kl.): *Pará*.
14. *A. tetraphyllum* H. B. W. (= *A. lancea* Bak. in Fl. Mart.), *Pará*.
15. *A. tomentosum* Kl.: Guiana, *Pará* e *Amazonas*, seg. C. Christensen — Ind. Fil.

Anetium citrifolium (L) Split. (= *Anthrophyum* Fl. Mart.) *Pará* e *Amazonas*. America Central — Brasil, Sta. Catharina, São Paulo.

1. *Antrophyum cayennense* Klf.: *Pará* e *Amazonas*.
2. *A. lineatum* Klf.: *Pará*.
1. *Asplenium abscissum* W.: *Amazonas*, Solimões.
é proxima da esp. africana *A. longicauda* e é tambem encontrada no Congo, o que C. Christensen (Ind. Fil.) põe em duvida.
3. *A. angustum* S=. — *Pará*.
4. *A. cuneatum* Lam. — *Pará*.
5. *A. Hallii* Hk. — Rio Negro — *Amazonas*, Equador, Colombia, seg. C. Christensen — Ind. Fil.
6. *A. laetum* Sw. — Alto *Amazonas*.
7. *A. salicifolium* L. — *Pará*.
8. *A. semicordatum* Rad. — *Pará*.
9. *A. serra* Langsd et Fisch. — *Pará*.
10. *A. serratum* L. — *Pará* e *Amazonas*: Rio Negro, S. Izabel, seg. Luetzelburg 22369, vulgo; «rabo de arañata».
var. *Blanchetianum* Bk. — *Pará* e *Amazonas*.
1. *Aspidium martinicense* Spr., *Amazonas*.
2. *A. plantagineum* (Jacq.) Gries. — Alto *Amazonas*.
3. *A. trifoliatum* Sw. — Rio Solimões.
4. *A. incanum* Chr. (Hedw. 44): rio Jaurú.

1. *Blechnum Schomburgkii* (Kl.) C. Chr. é filicina da America Tropical, seg. C. Christensen — Index Filicum; no Herv. do Museu Nacional ha um exemplar de Mosen 2094, de Minas Geraes onde colhido em 10—9—1873.

Esta especie, ao que me informou o Dr. Brade é muito proxima de *Bl. tabulare* e alga nebulosa ainda. Talvez forma neotropica de *Bl. tabulare*.

E' muito provavel *B. Schomburgkii* na Amazonia.

2. *Blechnum serrulatum* Rich. — Amer. trop., Asia, Australia trop. e Nova Caledonia. Ha Amer. central, em Salvador, seg. Standley e Calderon.

Seg. Diels, em Engler-Pr. — Pflanzenfam.: Lugares humidos dos paizes tropicaes, na America desde a Florida até Brasil; na Asia desde India Central e Malesia até Nordeste Australia e Nova Caledonia. Citado no Pará, na Fl. Mart.

No Herb. Mus. Nac.: Florida, IV-1920, Small e Mathauz 9653; Brasil: Pará, nos banhados dos Campos Geraes do Cuminá 9—XII—1928 — A. Samp. 5830; Pernambuco (Tapéra) no litoral, em terrenos arenosos e frescos, I—1926, D. Bento Pickel 582; Bahia, in humidis, Salzmänn s. n.; Rio de Janeiro, Regnell (?); E. do Rio: Campos, VI—918, A. Samp. 3088, á beira de brejos; Mauá, 12—III—903, P. Dusen n. 1949.

E' planta humicola como se vê, mas não umbróphila; do Estado de Matto Grosso ha no Herb. Mus. Nac. o exemplar de H. Smith 106, classificado por Brade como var. *distans*, Christ.

- Ceropteris calomelanos* (L.) Und., é indicado por Spruce (sub Gymnogramme) em Obidos e a var. *tartarea* no rio Negro.

C. Christensen, em Index Filicum, admite:

- C. calomelanos* (L.) Und., da Amer. trop., Afr. ocid. e Natal.
C. tartarea (Cav.) Link, Amer. trop. e Samoa (?). Segundo Lindmann (sub. Gymnogramme, em Ark. f. Bot. I); Goyaz, Amazonas, R. Janeiro e Mato Grosso; no Amazonas: rio Negro, seg. Fl. Mart.

- Cochlidium furcatum* (Hk. et Grev.) C. Chr.: Trinidad, Gu. Ingleza e Franceza, Brasil (rio Uaupés e Pará?) e Jamaica (?). No Herv. Mus. Nac.: rio Uaupés, rio Içana e rio Ayari (Luetzelburg).

Nota: O novo gen. *Cochlidium* C. Chr., foi recentemente creado por C. Christensen (Taxonomics Fern-Studies I-II em Dansk Botanik Arkiv Bd. 6, n. 3, Kobenhavn 1929) tendo como especie, typo *Grammitis graminoides* Sw.; a esp. citada *Cochlidium furcatum* (Hk. et Grev.) C. Chr. n. comb. tendo como sinonimos *Grammitis furcata* Hook. et Grev., *Polypodium furcatum* Mett. e *P. dicranophyllum* C. Chr.

E' possivel que *Monogramma Luetzelburgiana* Goeb., citado adiante, passe para o gen. *Cochlidium*.

- Cyclopeltis semicordata* (Sw.) J. Sm.: Amazonas e Pará (Almerim e Santarem (seg. Fl. Martius sub *Aspidium semicordatum*; é da Amer. trop. seg. C. Christensen; seg. Lindman (Ark. f. Bot.

I); Mato Grosso, Amazonas, Pará, Antilhas e Perú, Costa Rica (Brade); seg. Christ. Farnkr. é também da região malaia.

Diplazium marginatum (L.) Diels, citada por H. Christ (Geogr. der Farne p. 302) na Amazonia (*Asplenium marginatum*), é da Amer. trop. seg. C. Christensen Index Filicum; grande feto, das florestas da America tropical desde Antilhas e Guatemala até Brasil, seg. H. Christ. (Farnkr., sub. Hemidictyon); Hemsley indica Mexico, Nicaragua e de Cuba a Perú e Brasil.

Diplazium Lechleri (Mett.) Moore, de Costa Rica, Guiana, Rio Negro e Perú, seg. H. Christ — Farnkr.

D. Shepherdi Spr. — Pará e Amazonas. Ar. geogr.: Amer. trop.

Doryopteris Huberi Chr., da Amazonia, seg. H. Christ (Geogr. d. Farne). Parece endêmica exclusiva.

Gen. DRYOPTERIS. Tendo á mão a recente monographia de C. Christensen sobre este genero (C. Christensen — «A Monograph of the Genus Dryopteris», 2 partes, Copenhagen 1913 e 1920») publicada em «Memoires de L'Acad. Roy. d. Sc. et des Lettres» de Dinamarca, torna-se possivel dar aqui uma noção geral do genero, quanto á sua distribuição geographica segundo o citado especialista que nessa obra indica nada menos que 364 especies americanas, sendo as seguintes na Amazonia:

1. *D. abbreviata* (Schrad.) C. Chr. (A Monogr. of the Genus Dryopteris, Parte II p. 30, Copenhagen 1920). — Esta especie segundo C. Christensen (l. c.) tem como synonymo *Aspidium abbreviatum* Schrad. na Flora de Martius que a indica, com uma variedade *guianense* Bak., a esp. em Pernambuco, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro (Corcovado) e Jamaica.

C. Christensen, em Monogr. Gen. Dryopteris I, p. 82, cita-a sob a denominação de *Polystichum abbreviatum* (Schrad) Pr., para o Brasil, Guiana, Equador e Colombia; na parte II de Monogr. Gen. Dryopteris, admite a esp. como *Dryopteris abbreviata* (Schrad.) O. Kze, com o typo no Sul do Brasil.

No Herv. Mus. Nac.: Pará: Antonio Lemos, Luetzelburg 21267 e 21266.

2. *D. amplissima* (Presl.) O. Ktze var. *subeffusa* C. Chr., do Roraima.
3. *D. arborea* Brause — Roraima.
4. *D. brachypoda* (Bak.) C. Chr., do Roraima.
5. *D. connexa* (Kaulf.) C. Chr.; Uruguai e Brasil: Pará, Minas Geraes, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, S. Catharina e Rio Grande do Sul.
6. *D. demerarana* (Bak.) C. Chr.: Roraima.

7. *D. denticulata* (Sw.) O. Ktze, uma forma (6) indeterminada e a forma 8 var. *aperta*, no Roraima.
8. *D. falciculata* (Raddi) O. Ktze.: Do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Geraes, Parahyba, Amazonas (rio Negro) e Guiana Inglesa. Colligi esta especie no rio Cuminá — A. Samp. s. n.
9. *D. gongylodes* (Schk.) O. Ktze.: Florida, Ind. ocid., Mexico, Costa Rica, Guianas Holland. e Franc., Brasil, Paraguay, Argentina, Uruguay, Japão, Coréa, Afr. do Sul, Australia e Polynésia, com 4 var. seg. C. Christensen — Monogr. Gen. Dryopt. I, p. 194; na parte II desta Monogr., C. Christensen indica S. Domingo.

Sob *Nephrodium unitum* Bak. na Flora de Martius e como frequentissima nas regiões quentes do mundo inteiro e florestas pantanosas, é indicada no Brasil; Rio Grande do Sul, S. Catharina, Rio de Janeiro, Minas Geraes, Bahia, Pará, Alto Amazonas.

No Herv. Mus. Nac.: E. do Rio: Cantagallo, Schreiner s. n.; S. Paulo: Santos, Mosen 3060 e Loreto, A. Samp. s. n.; Pernambuco: Tapéra, D. B. Pickel s. n.; Matto Grosso, Hoehne 3850.

10. *D. Huberi* Christ, da Amazonia e que segundo H. Christ — Geogr. d. Farne p. 302, é tambem do Congo, o que C. Christensen põe em duvida em o Supplem. (1913) a seu Ind. Fil. 1906.
11. *D. incana* (Christ.) C. Chr., do Amazonas (rio Juruámiri) e Juruá, seg. C. Christensen — Monogr. I. :
12. *D. juruensis* C. Chr. — Amazonas, rio Juruá; Bolivia (rio Marañon).
13. *D. macrosora* (Fée) C. Chr.; Pará, Rio de Janeiro, S. Paulo, segundo C. Christensen — Monogr. Genus Dryopteris.
14. *D. macrostegia* (Hk.) O. Ktze — Amazonas; rio Negro, rio Uaupés e rio Içana; Roraima, seg. C. Christensen — Monogr. Gen. Dryopt.
15. *Dryopteris mollis* (Jacq.) Hieron.: Antilhas, Estados Unidos, Mexico, Guatemala, Honduras, Guadalupe, Porto Rico, S. Domingos, Costa Rica, Panamá, Colombia, Venezuela, Tobago, St. Vicent, Guiana Franceza, Equador, Perú, Galapagos, Brasil: Amazonas (Alto Purús), Pará, Bahia, Minas Geraes, Rio, S. Paulo, Rio Grande do Sul; Argentina e Paraguay. (= *D. dentata* (Forsk.) C. Chr., na Monogr. Dryopt. II).
16. *D. nephrodioides* (Kl.) Hieron. var.: *Biolleyi* (Christ), de Guatemala, Costa Rica, Panamá, Colombia, Equador, Perú, Amazonas (rio Juruá-Miri) e Bahia, Est. de S. Paulo: Brade.
17. *D. Poiteana* (Bory) Urban: Barbados, S. Domingo, Porto Rico, Tobago e Grenada, seg. C. Christensen — Monogr. Genus

- Dryopt. II, 1920; na parte I desta monogr. 1913, C. Christensen indica *Ind. occid.*, Guatemala, Honduras, Costa Rica, Panamá, Colombia, Equador, Perú, Venezuela, Guiana Holandesa e Franceza e Brasil: Pará, Serra de Baturité e Bahia.
18. *D. protensa* (Afz.) C. Chr.: Manáos (Luetzelburg 22015); var. *funesta*: Guiana Brasileira, Alto Amazonas, Pará, Bahia, Matto Grosso; colhi esta var. na matta da Cachoeira do Tronco 19—IX—1928, A. Samp. 5041 e depois na matta marginal do Alto Parú do Cuminá 17—XI—928, A. Samp. 5568-A; ha ainda a var. *dicksonioides* (Fée): Amazonas (S. Gabriel) e Gu. Franceza, Lindman (Ark. Bot. I, sub *Nephrodium*) indica para a esp.: Matto Grosso, Bahia, Pará, Amazonas e Guiana.
- D. pyramidata* (Fée) Maxon (*Nephrodium subcuneatum* Bak., na Fl. Mart.): Guadelupe, Martinica, S. Vicente, Grenada, Trinidad, Gu. Ingleza, Gu. Holandesa, Gu. Franceza, S. Domingo, Bahia, seg. C. Christensen — Monogr. Gen. Dryopteris I, 1913; em Index Fil. Supplem. 1913, C. Christensen indica *Ind. ocid.* e Brasil septentrional.
- Provavel na Amazonia.
19. *D. reticulata* (L.) Urb., das Indias Occid., e em formas similiares na Amer. Central, occorrendo raramente no Brasil, seg. C. Christensen Monogr. Gen. Dryopt. I, 1913.
- No Herv. Mus. Nac.: Amazonia: Tayana, Luetzelburg: 20895 e 20889 e Serra Murupú, Luetzelburg 20672, 20671 e 20887.
20. *D. refulgens* (Kl.) C. Chr.; da Guiana Ingleza, Colombia, Panamá e Brasil: Rio Negro (S. Gabriel).
21. *D. roraimensis* (Bak.) C. Chr.: Roraima, seg. C. Christensen — Monogr. Gen. Dryopt. I, p. 141. Nota: *D. roraimensis* Brause é, seg. Christensen, Monogr. cit. II, 1920, p. 22, sinonimo de *D. arborea* Brause, supra citada.
22. *D. serrata* (Cav.) C. Chr.: Brasil, Guiana, Costa Rica, Equador, seg. C. Christensen — Monogr. Gen. Dryopt. I, 1913.
23. *D. Sancti-Gabrieli* (Hk.) O. Ktze —: Amazonas (S. Gabriel) onde colligida por Spruce; é tambem de Venezuela e Trinidad, seg. C. Christensen — Monogr. Gen. Dryopt. I, 1913, p. 80, que diz talvez esta especie seja referivel a *Stigmatopteris*.
24. *D. subobliquata* (Hk.) O. Ktze — Gu. Holandesa, Gu. Franceza, Colombia e Brasil: Pará e Rio de Janeiro.
25. *D. tetragona* (Sw.) Urban — Pará (Santarem), Antilhas, Florida, Mexico, Honduras, Nicaragua, Costa Rica, Panamá, Colombia, Venezuela, Gu. Holandesa e Equador.

Citada em Salvador por Standley e Calderon.

Herv. Mus. Nac.: Amazonas, Schwacke, s. n.

26. *D. tristis* (Kze.) O. Ktze — Perú, Equador, Colombia, Panamá, Costa Rica, Gu. Hollandeza e Brasil: Pará (rio Maracá) e Amazonas: rio Marañon (Spruce), seg. C. Christensen — Monogr. Gen. Dryopt. I.

Temos assim no gen., (comprehendendo 364 especies americanas, segundo C. Christensen — A Monograph of the Genus Dryopteris II, Copenhagen 1920) — 25 especies são citaveis na Amazonia.

Elaphoglossum petiolatum (Sw.) Urban; — Amer., Africa e Asia tropicaes, seg. C. Christensen-Index Filicum; seg. H. Christ. — Farnkr. é das Antilhas até o Sul do Brasil, das Indias orientaes pela região malaia até Filipinas, e da Africa trop. até Mascarenhas e Seychelas. Lindman (Ark. f. Bot. I, p. 252, Acrosticum) indica no Brasil: Matto Grosso, Rio, S. Paulo, Minas e Bahia; provavel na Amazonia. pelo menos a var. *salicifolium* forma *tenuiculum* Fée, de Venezuela e

Perú (H. Christ — Monogr. des Genus Elaphoglossum, 1899).

Na citada monografia do gen. *Elaphoglossum* de H. Christ, encontro as seguintes especies amazonicas, dentre 145 especies universaes:

1. *E. latifolium* J. Sm., da Amer. trop., das Antilhas e Mexico até Perú e Brasil; na Amazonia descrita sob o nome de *Acrostichum Spruceanum* Fée, de Panuré.
Em «Farnkr. der Erdé», H. Christ diz: Das Antilhas até Sul do Brasil; do Ceilão, do Sul da India, de Java, Khasia, ilha de Sonda, Polynésia; no Brasil, seg. Fl. Mart.: Alto Amazonas, Goiás, Minas, Bahia, Rio de Janeiro, S. Catharina.
2. *E. luridum* Fée — De Trinidad, Guianas Ingleza, Holandeza e Franzeza (Oyapok superior); seg. C. Christensen — Index Filicum; deve prevalecer a denominação *E. Schomburgkii* que está na sinonimia de *E. latifolium*, na Fl. Mart.
- 2-a. *E. nigrescens*. (Hk.) Diels: Taracua (rio Uaupés) e S. Gabriel, seg. C. Christensen (Taxon.).
2. *E. Sancti-Gabrielii* H. Christ (1899), de S. Gabriel no Rio Negro (Spruce); é a especie antes descrita sob o nome *Acrostichum discolor* Kuhn. (1869) do Amazonas, hoje *E. discolor* (Kuhn) C. Chr., seg. C. Christensen — Index Filicum; este ultimo nome e o que deve prevalecer, seg. C. Christensen.
4. *E. conforme* (Sw.) Schott — Comum em todos os tropicos, deste Norte da India até Ceilão, Ilha de Sonda, Norte da Australia, Polynesia até ilhas Sandwich, Sul e Oeste da Africa, Ilhas Mascarenhas, S. Helena, Tristão da Cunha, Amer. trop.

dêsde Mexico até o Sul do Chile e Sul do Brasil; na Amazonia: S. Gabriel (Spruce); Africa (Kilimandscharo, a 2300 m. alt., etc.).

5. *E. simplex* (Sw.) Schott — Amer. trop., Af. trop. e Madagascar, seg. C. Christensen — Ind. Fil.; é indicado por H. Christ (Monogr. Elaph.) para o Rio Negro (Spruce) e tendo como area geogr.: Jamaica, Martinica, Guadelupe, Porto Rico, Mexico, Costa Rica, Colombia, Gu. Franceza, Rio Negro, Sul do Brasil (S. Catharina, Minas, Rio), Madagascar e Afr. trop. occidental. Seg. Fl. Mart., var. *martinicense*: Alto Amazonas.
6. *E. gardnerianum* (Kze.) Moore: Pará.
7. *E. flaccidum* Moore, da Amer. trop., é provavel por ter sido tambem colhido no rio Oyapok; Pará e Amazonas, seg. Fl. Mart.
E. stenopteris Moore, de Guadelupe e do Rio Negro (Spruce) seg. H. Christ (Monogr. Elaph.) é seg. C. Christensen a esp. *E. brachyneuron* (Fée) J. Sm., da America Tropical.
8. *E. pallidum* (Bk.) C. Chr. — Rio Negro.
11. *E. plumosum* Moore, de Columbia, Equador, S. Domingos, Gu. Ingleza e Brasil: S. Gabriel (Spruce) no Amazonas e Paraná.
12. *E. Sprucei* (Bak.) Diels — Pará e Alto Amazonas.
13. *E. laminarioides* Moore de Guadelupe, Mexico, Ilhas dos Cocos (no Pacifico), Guiana Franceza e Rio Negro (Spruce).
14. *E. latifolium* (Sw.) Moore — Alto Amazonas.
15. *E. apodum* Schott; De Antilhas, Cuba, Porto Rico, Guiana Franceza e S. Gabriel no Rio Negro (Spruce).
16. *E. auricomum* (Kze.) Moore: rio Negro.

Assim, em 145 esp. de *Elaphoglossum* apenas 17 especies da Amazonia, e todas da zona mais septentrional.

E' interessante anotar que muitas outras especies vêm até Venezuela e Guyana Franceza; não se apresentam na Amazonia e vão se apresentar no Brasil central ou mais para o sul.

Eschatogramme Desvauxii (Kl.) C. Chr.; a especie estava na synonymia de *E. furcata* que seg. H. Christ. (Farnkr. sub *Cuspida-ria*) é da America, desde Antilhas até sul do Brasil, tambem encontrada em Costa Rica por Brade e indicada para Equador e Colombia por Hieronymus (Pl. Stueb.); seg. Fl. Mart.: Brasil: Rio, S. Paulo, Bahia, Minas, Pará, Alto Amazonas; Guianas, Equador e Antilhas.

O. Posthumus tambem considerava monotypico o genero e assim no Herv. Mus. Nac.: Pará, Schwacke s. n.; Alto Parú do Cuminá, Campos Geraes 17—XI—1928, A. Samp. 5573-A; rio Negro, Luetzelburg 22074, S. Manoel, Hoehne 5284.

Em seu recente trabalho «Taxonomics Fern — Studies I-II» em Dansk Bot. Ark. Bd. 6, Nr. 3, 1929, C. Christensen considera o genero com 4 especies, entre as quaes E. Desvauxii.

E então cita E. Desvauxii em Guiana Ingleza, Trinidad, S. Vicente, Bolivia e Brasil: Amazonas (S. Gabriel, Juruá-mirim e Cuquenán); Pará.

Gymnogramme tartarea Desv. — *Ceropteris tartarea* (Cav.) Link, seg. C. Christensen Index Filicum que indica Amer. tropical e Samoa (com duvida nesta). Vide *Ceropteris tartarea*.

Gymnopteris rufo (L.) Bernh. — Amer. trop., segundo C. Christensen — Ind. Fil.; cita em Obidos por Spruce (sub *Gymnogramme*); Pará: Santarem, seg. Fl. Martius.

Hecistopteris pumila (Spr.) J. Sm.: Pará, segundo Fl. Mart.; S. Catharina, Gu. Holland., Venezuela, Guadalupe, seg. C. Christensen — Fil. Uleanae Amazonicae. No mesmo trabalho H. Christensen cita ainda varias sub-especies para a Amazonia. A planta é da Amer. trop. seg. C. Christensen.

Luetzelburg colheu-a, sob o n. 21223 em Antonio Lemos.

Hypolepis hostilis Presl. — Jamaica, Colombia, Perú e Brasil, seg. C. Christensen — Ind. Fil.; no Brasil (Rio Gr. do Sul, Rio de Janeiro, Amazonas) e na Guiana, seg. Lindman (Ark. f. Bot. I, p. 207).

H. repens — Pará.

Gen. LEPTOCHILUS — C. Christensen, em Index Filicum cita 67 especies (54—13 Supplem.) das quaes as seguintes na flora Amazonica.

1. *Leptochilus alienus* (Sw.) C. Chr., da Amer. trop.; seg. Fl. Mart.: Perú ao Mexico, Cuba, Guianas Franc. e Ingl., Brasil: Alto Amazonas, na Serra de S. Gabriel; Pará, nas Cachoeiras do rio Aripecurú (Spruce 577). E' de Costa Rica, seg. Brade. El Salvador, seg. Standley e Calderon.

Está citado o rio Aripecurú que me parece ser o mesmo Erepecurú ou Cuminá que visitei em 1928; mas não encontrei esta especie, mas sim *L. nicotianifolium* adiante citada.

2. *L. guianensis* (Aubl.) C. Chr., da Guiana e do Brasil, seg. C. Christensen Ind. Fil. No Brasil, seg. Lindman (Arch. f. Bot. I); São Paulo, Matto Grosso, Pará.

Seg. Fl. Mart.: Pará (entre Tanau e rio Acará); Rio de Janeiro, S. Paulo e Gu. Franceza.

3. *L. nicotianifolius* (Sw.) C. Chr., da Amer. tropical, seg. C. Christensen — Ind. Fil.; seg. Fl. Mart.: Do Mexico á Colombia, Antilhas, Guiana Ingleza e Brasil: Pará (em Tanáu, no rio

Acará) e Bahia; H. Christ (Geogr. der Farne) indica-a também nos Andes, nas regiões baixas.

Dr. Brade informa que colheu esta espécie em Costa Rica (Turrialba, Carrillo e Lhanuras de San Carlos, em alturas até 500 metros).

No Herv. Mus. Nac.: Matto Grosso, Smith 18; Pará, rio Cuminá, na matta da Cachoeira do Tronco (Igarapé Caranáu) 21—IX—928, A. Samp. 5075.

L. serratifolius (Mertens) C. Chr., do Brasil e da Guiana, seg. C. Christensen Ind. Fil.; Hemsley indica a espécie no Sul do Mexico, Venezuela, Perú e Brasil.

No Brasil, seg. Fl. Mart.: Minas Geraes, Rio de Janeiro, S. Paulo; ainda não foi verificada na Amazonia, ao que me conste.

1. *LINDSAYA crenata* Kl.: Taracuí (rio Uaupés) seg. C. Christensen (Taxon.).
2. *Lindsaya dubia* Spr. — Guianas, Venezuela e Amazonas, seg. C. Chr. — Index. No Amazonas, no Uaupés, seg. Fl. Mart.; C. Christensen (Taxon.) cita-a em Taracuí (rio Uaupés).
3. *L. elegans* Hk. — E' var. de *L. stricta* (Sw.) Dry., segundo C. Christensen Index Fil. — No Herb. do Mus. Nac. ha exemplares de Luetzelburg, do rio Ayari e do rio Uaupés, identificadas pelo Prof. Rosenstock, com *L. elegans* Hk., pelo que cito aqui essa espécie em separado de *L. stricta*; vide *L. stricta* (Sw.) var. *elegans* (Hk.) C. Chr.
4. *L. falcata* Dry. Amer. trop. segundo C. Christensen; indicada na Hylaea por H. Christ — Geogr. der Farne, p. 302. Na Flora de Mart. essa espécie está na synonymia de *L. trapeziformis* Dry., var. *falcata* Bak., do que discorda C. Christensen.
No Herbario do Museu Nacional ha exemplares de Luetzelburg, do Amazonas: rio Içana, rio Paporí e rio Negro, identificados por Prof. Rosenstock, como *L. falcata* Dry., diversas de *L. Schomburckii* citada adiante.
5. *Lindsaya guianensis* (Aubl.) Dry; Amer. Trop. seg. C. Chr. — Index; a Flora de Martius indica Guianas Ingleza, Holland. e Franceza, Colombia, Antilhas e Brasil: Alto Amazonas (S. Gabriel), Minas e Rio; Colombia e Antilhas. No Herv. do Mus. Nac.: Rio Içana (forma *microphylla* Ros.), Luetzelburg 22692; Roraima — Luetzelburg 21609; Manáos — Ferr.^a Pena s. n., Schwache 189; Igarapé Canan, Luetzelburg 21515; Ceará, Fr. Allemão e Cisneiro s. n.; Matto Grosso, Smith 72; Casa de Pedra (Linha de Leste), Huehne 3798; Rio de Janeiro, Mosen 2640.

6. *L. lancea* (L.) Bedd. — Amer. trop., Ceylão, Malesia, seg. C. Christensen — Ind. Fil.; na Amer. desde as Antilhas até o sul do Brasil, seg. H. Christ — Farnkr, C. Christensen admite *L. trapeziformis* Dry., citada pela Flora de Martius com varias variedades, como synonyma de *L. lancea* (L.) Bedd.
7. *L. pumila* Kl. que C. Christensen dá como synonyma de *L. guianensis* (Aubl.) Dry. no Index Kewensis, é citada como valida por C. Christensen em Taxonomics Fern-Studies II, em Taracuá, no rio Uaupés.
8. *L. quadrangularis* Rad., da Amer. trop.: no rio Içana, Luetzelburg 22405.
9. *L. rigidiuscula* Lindm., de Venezuela, seg. Christensen — Ind. Fil., foi colligida no Uaupés, por Luetzelburg sob n. 23601.
10. *L. Schomburghii* Kl. — rio Içana, rio Uaupés e Manáos, Luetzelburg div. exempl.; rio Juruena (Matto Grosso) Hoehne 1817.
L. stricta (Sw.) Dry. var. *elegans* (Hk.) C. Chr.
Antes citada sub *L. elegans* Hk., nos rios Ayari e Uaupés. Seg. Fl. Mart. é de Rio de Janeiro, Minas, Bahia, Maranhão, Pará (Satarem e Belem), Alto Amazonas (S. Carlos), Gu. Ingl., Holland. e Franc., Colombia, Mexico e Antilhas.
Eu a colligi em charravascal do rio Parú do Cuminá (A. Samp. 5578-A), no E. do Pará; Dr. Brade colheu-a em S. Paulo; em Minas Geraes, Damazio 554; no Amazonas, vale do rio Quinó, Luetzelburg 21356 e 21536.
11. *L. Ulei* Hier. (Hedwigia 44) — Amazonas: rio Juruá e Juruá-miri.

Gen. MONOGRAMMA — A proposito vide C. Christensen — Taxonomics-Fern-Studies I, Copenhagen 1929.

Monogramme graminoides (Sw.) Back. = *Cochlidium graminoides* (Sw.) Kaulf, seg. C. Christensen, Taxon. Fern. Studies I, 1929, p. 18, mas então só indicado para a Jamaica e como uma especie extremamente rara.

Monogramma Luetzelburgiana Goebel (sub *Pleurogramma*) (Flora XXIV, p. 21) é do Alto Roraima, a 2850 m. (= *Cochlidium* sp.).

Gen. NEPHROLEPIS — Na região do Cuminá, em certos pontos das mattas, os inajás (*Maximiliana regia* Mart.) se apresentam carregados de *Nephrolepis exaltata* (L.) Schott, instalados na axilla dos longos peciolos das frondes.

1. *N. biserrata* Bak., dos tropicos; verificada no Pará e no Amazonas (rio Içana e rio Negro).
2. *N. cordifolia* Pr., dos Tropicos, Japão e Nova Zelandia; verificada no Pará.
3. *N. exaltata* (L.) Schott — Dos tropicos, seg. C. Christensen Ind. Fil., é, segundo Hensley (Biol. Centr. Americana) de: Flo-

rida, Guatemala, Nicaragua, Panamá, de Bahamas ao Perú e tropicos do Velho Mundo.

Lindman (Ark. f. Bot. I) indica: Amazonas, Pará, Goyaz e Pernambuco. No Pará, Jobert-Schwacke 110; na região florestal do rio Cuminá, A. Samp. 5034, na matta da Cach. do Tronco, frequente sobre inajás.

Esse exemplar, estéril, foi identificado com duvida, como *N. exaltata* por Dr. Brade.

4. *Nephrolepis Pickelii* Rosenst. — O exemplar A. Samp. 4888 foi classificado por Dr. Brade, á vista de duplicata do original de *N. Pickelii* Rosenst. n. sp. ined., de Pernambuco.

O meo exemplar foi colligido em Belem, E. do Pará; a proposito, Dr. Brade forneceu-me a seguinte nota: «Uma das mais interessantes filicineas da collecção A. Sampaio é a de n. 4888, colhida em Belem e que concorda com o exemplar recebido em 1928 do Snr. Rev. D. Bento Pickel, de Pernambuco, como exemplar colhido epiphyta sobre *Elaeis guineensis* Jacq., em VII—1926. Verificando que o exemplar de D. Bento Pickel não era nenhuma das especies conhecidas, Dr. Brade remetteu um specimen ao Prof. Dr. Rosenstock que então creou a sua nova esp., inedita ainda, *N. Pickelii* Rosenst. n. sp., com a qual concorda inteiramente o exemplar de A. Samp. 4888.

N. Pickelii Rosenst. differe de *N. exaltata* pela textura muito mais mole, pelo revestimento, no lado inferior, de escamas de cor pallida, subuladas e longi-ciliadas na base; de *N. biseriata* pelas primas bem juntas, não pubescentes na pagina inferior, pela margem mais profundamente crenulada, pelos dentes mais estreitos e pelos sóros mais juncto, etc.

Pela textura mole é tambem muito aproximada de *N. rufescens* Schrad. a qual tem pinnas mais distantes, densipilosas, sóros pequenos bem distantes da margem, com indusia pequena, ciliada, ás vezes caduca. *N. rufescens* só é conhecida da Amer. trop., mas talvez confundida, não raro, com *N. biseriata*.

5. *N. rufescens* (Schrad.) Rosenst. — Pará. — Vide nota de Brade, a proposito da especie precedente.

Gen. ODONTOSORIA.

1. *O. bifida* (Klf.) J. Sm. — Indicada para Brasil por C. Christensen. Amazonas.
2. *O. meijolia* (H.B.K.) C. Chr. — Rio Negro.

OLEANDRA neriformis Cav. — Pará.

Paesia amazonica (Christ) C. Chr. (= *Pteris amazonica* Crist, Hedw. 4) — Amazonas.

Platyserium andinum Bak., de Perú, Bolivia e do Amazonas (Purús) seg. H. Christ. — Geogr. d. Farne.

1. *Polybotria caudata* Kze.—Amer. trop. seg. C. Chr.; seg, Lindman (Ark. f. Bot. I): Amazonas, Matto Grosso, Guiana.
2. *Polybotrya fulvostrigosa* Christ — Do alto Amazonas.
3. *Polybotrya pubens* Mart.: Guiana, Brasil, Perú, seg. C. Chr. Index. Seg. Fl. Mart.: Pará, Alto Amazonas e Gu. Hollandeza.

Polypodium — E' um dos generos mais representados na Amazonia; assim como primeiro exemplo, a esp. *P. angustifolium* Sw. que coligi no rio Cuminá, junto de uma Aracea epidendra, em arvore á beira do rio. E' planta da America tropical; Mexico, Cuba, Perú e Brasil (desde Amazonas até Rio Grande do Sul), Colombia, Florida, Panamá, Costa Rica e Jamaica.

1. *Polypodium apiculatum* Kze: Guiana, Brasil, Perú, seg. C. Chr. Index; a Fl. Mart. indica a esp. para Minas Geraes, E. do Rio (Serra dos Orgãos), Columbia e Mexico. — Não encontrada na Amazonia.
2. *Polypodium attenuatum* H. B. Willd. — Amer. trop. seg. C. Chr. Index. Encontrada no Oyapoc por Dr. Ph. von Luetzelburg ns. 20281, 20220 e outros numeros, e rio Negro (n. 22891) determinados pelo Prof. Rosenstock.

Seg. Hemsley: Sul do Mexico, Nicaragua; das Indias Occid. até Equador e Brasil; seg. Fl. Mart. (var. de *P. brasiliense*): Alto Amazonas, Pará, Goyaz, Minas e Rio de Janeiro.

Polypodium bifrons Hook., do Equador e do Alto Amazonas, myrmecophila, seg. H. Christ — Geogr. der Farne.

4. *P. aureum* L. — Pará.
5. *Polypodium brasiliense* Poir — Amer. trop., seg. C. Christensen Ind. Fil.; Colombia e Perú, seg. Hieronymus (Pl. Stueb.).

Segundo Fl. de Mart. é esp. frequente em toda a America tropical, indicando porem: Minas, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, S. Catharina e Rio Grande do Sul.

Standley e Calderon indicam-n'a em Salvador (Amer. Central).

O Herv. do Museu Nacional permite acrescentar: E. do Rio: Carmo e Therezopolis; Ceará; Pará, rio Parú do Cuminá, Valle da Serra Tumucumac, A. Samp. 5828, em arvore á beira rio não frequente.

6. *P. ciliatum* Willd., da Amer. trop. seg. C. Christensen, Ind. Fil. (= *P. piloselloides* L., var. *cayennense* Bak. na Flora Martii).

Seg. Fl. Mart. é do Alto Amazonas, Pará e as tres guianas; outros autores admittem porem *A. piloselloides* var. *ciliatum* (W.) esta do rio Negro.

7. *P. connellii* Bak., do Roraima, seg. K. Goebel — Flora od. Allg. Bot. Zeit., vol. 24, 1929, p. 24.
- 7-A. *P. cultratum* Willd. — var. *elasticum* Bak.: Manáos.
8. *P. decumanum* Willd. — Amer. trop., seg. C. Christensen, Ind. Fil.; segundo Lindman (Ark. f. Bot. I) é de Matto Grosso, Goyaz, Amazonas e Perú.
A Flora de Martius indica ainda: Pernambuco, Pará, Guianas, Ingl., Holland. e Franceza e Colombia. No Herb. Mus. Nac.: Venezuela (Cassiquiari), Luetzelburg 22432.
- P. dicranophyllum* C. Chr., citado para o Alto Amazonas, Guiana e Granada. — Passou para a sinonimia de *Cochlidium furcatum* (Hook. et Grev.) C. Chr. n. comb. em C. Christensen — Taxonomics Fern-Studies I (Dansh. Bot. Ark. 6, 3, 1929, p. 20).
- P. discolor* Kk., da Guiana, seg. C. Christensen, Ind. Fil.; no Herb. do Museu Nacional, classificado pelo Prof. Rosenstock, como *P. discolor* Kk. vel proxima, o exemplar de Luetzelburg 23700, do rio Uaupés.
9. *P. fraxinifolium* Jacq.: Mexico, Perú, Brasil, seg. C. Christensen — Ind. Fil. — Alto Amazonas.
10. *P. gyroflexum* Chr. — Alto Amazonas.
11. *P. L'Herminieri* Fée — das Indias Occidentaes e Venezuela, seg. C. Christensen — Ind. Fil. Segundo Lindman (Ark. Bot. I, p. 232) tambem Roraima.
12. *P. lapathifolium* Poir. (*P. laevigatum* Bak. na Fl. Mart.), America trop.; no Brasil: S. Cathar., S. Paulo, R. Jan., Bahia, Minas e Alto Amazonas (rio Solimões; Spruce).
P. laevigatum Cav. (= *P. lapathifolium* Poir., em C. Chr.; em Ark. f. Bot. IX, 11, p. 41, separado por C. Christensen como especie diversa, supra indicada) — Esta esp. é somente andina, seg. C. Christensen, Ark. f. Bot. IX, p. 41.
13. *P. lepidopteris* Kze: Amer. trop., Alto Amazonas.
14. *P. loriceum* L. var. *pectinatum* Bak.: Rio Negro.
15. *P. lycopodioides* L.; Amer. trop., Afr. trop., Ilhas Mascarenhas, Java? e Ilhas Hawii?

A Fl. de Mart. admite 4 var. e a seguinte dispersão:

Amer. torp. e austr., Afr. trop. e austr. extra trop., Java, Ilhas Mascarenhas e Ilhas Hawaii; no Brasil: o typo, no R. Gr. do Sul E. do Rio, Bahia, Minas e Goyaz, a var. *surinamense*, no Rio de Janeiro, Pará, Alto Amazonas, Gu. Ingl., Holand. e Franceza. Seg. H. Christ. (Farnkr.) é das Antilhas até Sul do Brasil; Ilhas Hawaii, Afr. trop. até Natal e Java.

Dr. Alexandre Curt Brade teve a bondade de fornecer-me a respeito a seguinte nota:

Christ incluiu a sub. var. *grande* (Fée) nesta especie *Craspedaria grande* Fée (Wettstein & Schiffner, *Ergebnisse* p. 42 e fig. 280 pag. 100 de «Farnkrauter der Erde»). Também no *Index Filicum* C. Christensen dá *Craspedaria grande* Fée como syn. de *lycopodioides*. Mas de certo *Craspedaria grande* Fée é syn. de *Polyp. squamulosum* Klf. que differe bem de *P. lycopodioides* pela forma da lamina, rhizoma mais grosso com escamas pallidas, longeciliadas, mas especialmente pela venação.

Apparentemente *Pol. lycopodioides* L. typ. habita no Brasil só a zona de Norte e Nordeste; ao Sul são conhecidos para nós só as especies aproximadas: *P. squamulosum*, *P. Galathea* e *P. geminatum* Schard. da secção *Pleopeltis*; e *P. vacciniifolium* da secção *Marginaria* também aproximada pelo habito, mas bem differente pela venação.

Hieronymus indica *P. lycopodioides* na Martinica (*Hedwigia* vol. 48, p. 271). Dr. Brade colheu-a em Costa Rica.

Encontrei *P. lycopodioides* L. no rio Cuminá, na Cach. do Tronco 19-IX-1928, A. Samp. 5046.

Nota: *Polypodium surinamense* Jacq. Esta especie é tida por C. Christensen *Index Filicum* como variedade de *P. lycopodioides*, com o que não concorda *Hieronymus* (*Pl. Stuebel.*) que a considera como especie distinta, dizendo (*Hedwigia* 48, p. 271): «Synopsi omnino praetermissa optime autem ab *P. lycopodioides* L. distinguenda est, differt enim praeter aliis notis praesertim rhizomatibus tenuioribus, paleis rhizomatis structura valde diversis, laminis magis pellucidis, nervis valde perspicuis utrinque prominentibus.

E informa que especimens de Leprieur e Sagot, da Guayana, identificado, como *P. dictyophyllum* por Mettenius, e de Karsten (Columbia) enquadraram-se perfeitamente com *P. surinamensis*.

Assim a area geogr. seria Gu. Hol., Colombia; no *Herv. Mus. Nac.*: Pará: Oyapok, Luetzelburg 20270, determ. por Brade e Prof. Rosenstock como *P. surinamensis*.

16. *P. marginellum* Sw. — Amer. trop., Ilhas de Cabo Verde, St. Helena e Samoa, seg. C. Christensen, *Ind. Fil.* — Rio Negro —
17. *P. megalophyllum* Desv., de Guiana e Amazonas, seg. C. Christensen *Ind.-Fil.*; na Flora de Mart. está indicada nas cachoeiras do rio Aripecurú (provavelmente Erepecurú ou Cuminá); no *Herv. do Mus. Nac.* ha exemplares procedentes do Amazonas: vale do rio Canuman, rio Içana e rio Negro; e outros de Matto Grosso: Juruena, e de Venezuela: rio Caniquiari.

Seg. Fl. Mart.: Alto Amazonas (rio Negro), Pará e Gu. Ingleza.

18. *P. nanum* Fée — Guiana e Brasil, seg. C. Christensen Ind. Fil. — No Herv. Mus. Nac.: Matto Grosso, Smith 46; Amazonas, Schwacke 844; Pará: Oyapok Luetzelburg 20298.
19. *P. panorense* C. Chr. sp. n. Taxon. Fern. Stud. II, 1929 p. 97; Panoré e Taracuí, no rio Uaupés.
20. *P. pectinatum* L. — Amer. trop. seg. C. Christensen Ind. Fil.; da Florida, pelas Antilhas, até Sul do Brasil, seg. H. Christ — Farnkr.; frequente em todo Brasil, seg. Fl. Mart. que indica Minas Goyaz, Alto Amazonas, Perú Mexico e Antilhas. Seg. C. Christensen Ind. Fil.
21. *P. percussum* Cav.: Costa Rica, Perú e Brasil seg. C. Christensen Ind. Fil. —

Seg. Fl. Mart.: S. Paulo, Rio, Minas, Bahiá, Pará, Alto Amazonas; seg. Rosenstock: S. Catharina; seg. Herv. Museu Nac.: Paraná: Porto D. Pedro II, Dusen 4415; S. Paulo: Sorocaba, Santos, Hemmendorff 471; Santos, Mosen 3084; Rio de Janeiro Riedel 14, Corcovado, Glaziou s. n.; E. do Rio: Therezopolis, A. Samp. 2472; Carmo, Neves Armond 344, Cantagallo, Schreiner s. n., Serra do Itatiaia (Monte Serrat) A. Samp. s. n.; Minas Geraes: Montanha do Frazão, Damazio 1848; Caeté, M. da Motta s. n.; Teixeira Soares, A. Samp. 805; Matto Grosso: Salto Augusto (rio Tapajoz) Kuhlmann 49, 50 e 51; Bahia: rio Grongogy, Curan 272; Pará: rio Cumiminá, cach. do Breu, A. Samp. 5295; rio Oyapock (Salto Manoa) Luetzelburg 20279 e 20373 pp.; Amazonas, Glaziou s. n.; rio Negro, Luetzelburg 22635 e outro numero; Costa Rica: El Calvario; C. H. Lankester 692.

22. *P. persicariaefolium* Schrad. — Indias occid., Brasil e Equador, seg. C. Christensen, Ind. Fil. — Alto Amazonas.
23. *P. phyllitides* L. — Amer. trop. (Da Florida á Argentina) S. Thomé e Guiné, seg. C. Christensen, Ind. Fil. — Frequente, muito commum seg. H. Christ — Farnkr.

No Brasil, seg. Fl. Mart.: R. Gr. do Sul, S. Catharina, S. Paulo, Rio, Minas, Goyaz, Pará e Alto Amazonas.

A var. *repens* (*P. repens* Aubl.) é indicada em Minas e Guianas Ingl. e Franceza.

P. piloselloides L. var. *cayennense* Bak.: vide *P. ciliatum*.

24. *P. plunula* H. B. W.: Amer. trop. e Florida, seg. C. Christensen Ind. Fil. — Pará e Amazonas.
25. *P. polypodioides* (L.) Hitchc. (*P. incanum* Sw.) — Centro dos Estados Unidos, Argentina, Chile, Afr. Austral, seg. C. Christensen Ind. Fil.

- No Herv. Mus. Nac.: Matto Grosso, Smith 52 e Kuhlmann 47 e 48.
26. *P. recurvatum* Klf. — Guadelupe, Brasil — Argentina, Ecuador, seg. C. Christensen Ind. Fl.; No Brasil, seg. Fl. Mart.: Pará, Bahía, Minas Geraes, Rio de Janeiro e S. Catharina.
 27. *P. serrulatum* Mett. — Amer. trop., Juan Fernandez, Guiné, Madagascar, Ilhas Mascarenhas; Ilha Amsterdam?; Ceylão?; Ilhas Hawaii?
Seg. Fl. Mart.: Alto Amazonas, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo e S. Catharina.
 28. *P. surinamensis* — Vide Nota em *P. lycopodioides*.
 29. *P. Thurnii* Bak. — Taracua (rio Uaupés), seg. C. Christensen — Taxon.-Fern-Stud. II, 1929; antes só conhecido da Guiana, seg. C. Christensen Ind. Fil.
 30. *P. xanthotrichium* Kl. — Guiana e Venezuela, seg. C. Christensen, Ind. Fil.; na Flora de Mart. é var. *xanthotrichium* Bak. de *P. cultratum* Willd., ahi indicada para a Gu. Ingleza.

Pteridium aquilinum (L.) Kalm. — Cosmopol. das regiões quentes e temperadas do mundo; no Brasil: S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Bahia, Pernambuco, Pará; Gu. Ingl., Holland. e Franc. seg. Fl. Mart.

Em El Salvador (Amer. Centr.), Standley e Calderon citam *Pt. arachnoideum* (Kaulf.) Maxon, e *Pt. caudatum* (L.) Maxon que segundo C. Christensen — Ind. Fil. são sinonimos resp. variedades de *Pt. aquilinum*.

Indicado como communissimo em Faro; no E. do Pará, por Ducke (Explor. Scient., 1913, p. 18, exempl. com correções manuscriptas) — frequente em Matto Grosso, seg. Hoehne, Phytophysion. p. 40.

Pteris amazonica Christ. — Hedw. 44. — Vide *Paesia amazonica*.

1. *Pteris decurrens* Presl. — do Brasil, seg. C. Christensen, Ind. Fil., é de Amazonas (Solimões), Minas, Rio (Corcovado) e Chile, seg. Fl. Mart.
2. *P. deflexa* Link. — Amer. trop., seg. C. Christensen, Ind. Fil. — Alto Amazonas.
3. *P. denticulata* Sw. — Indias occid. e Brasil, seg. C. Christensen, Ind. Fil.; seg. Flora Martii: Rio Grande do Sul, S. Catharina, Minas, S. Paulo, Bahia, Alto Amazonas (mattas do Japurá); Cuba e Hispaniola.
4. *P. Goeldiana* H. Christ. — Hedw. 44: Paraguay, Rio de Janeiro, S. Paulo e Amazonas (Juruá) — (= *P. Goeldii*, seg. C. Christensen Ind. Fil., Supplem. 1913, p. 129).

5. *P. macroptera* Link. — Brasil seg. C. Christensen — Ind. Fil. — Amazonas (Japurá). Rio de Janeiro (Tijuca) e São Paulo (Bdrae).
1. *Pterozonium cyclophyllum* (Bak.) Diels. — Roraima.
2. *P. reniforme* (Mart.) Fée: Guiana, Brasil, e Perú, seg. C. Christensen — Ind. Fil.; no Amazonas: rio Japurá.
1. *Saccoloma elegans* Klf.—Amer. trop. seg. C. Christensen — Ind. Fil.; Amazonas (rio Negro) e Pará. Est. do Rio e S. Paulo, (Brade).
2. *S. Imrayanum* Hk. — Ind. occid. e Guianas, seg. C. Christensen — Ind. Fil.; Roraima. Costa Rica, (Brade).
3. *S. inaequale* (Kze) Mett.: Amer. trop., seg. C. Christensen — Ind. Fil.; Amazonas (rio Negro).
1. *Schilozoma reniforme* (Dry.) Diels — Guiana, Amazonas, seg. C. Chr. — Ind. Fil.; no rio Uaupés (Spruce).
2. *S. sagittatum* (Aubl.) Diels.— Na Hylaea, seg. H. Christ (Geogr. der Farne, p. 302); *Lindsaya sagittata* Dry., na Fl. Mart.: Gu. Brit. e Gu. Franc. seg. Fl. Mart. E também *S. reniforme*. (*Lindsaya reniformis* Dry. na Fl. Mart.); das mattas, catingas proxima a Panuré no rio Uaupés, Alto Amazonas, Gu. Holland., Gu. Ingl., e Gu. Franc., seg. Fl. Mart.
3. *S. macrophyllum* (Klf.) Pr. — Pará, Guiana seg. Fl. Mart.
1. *Stenoclaena japurensis* (Mart.) Griseb.; grande liana, da Amazonia. A. geogr.: Seg. Martius (Icones Plant.), escandente sobre arvores em florestas do Japurá e em igapós do rio Madeira. Seg. Hieronymus (Pl. Stubeliana): Columbia. Seg. Fl. Mart.: Amazonas: rio Japurá; Pará; Bahia; Rio de Janeiro; Guianas. Seg. C. Christensen (Ind. Fil. Supplem. 1906-1912): Amer. trop.; e considera como synonyma de *S. Japurensis* (Mart.) Griseb. a esp. *S. marginata* (Schrad.) C. Chr. que indica no Index (1906) como peculiar a Amer. trop., Afr. occid. e oriental. Herb. Mus. Nac.: Pará: rio Cuminá: Cachoeira do Mel 27—IX—928, escandente em arvores e frequente nas mattas, A. Samp. 5107; Oyapok: Cachoeira Manoa, Luetzelburg 20200 e outros ns. Grande liana da Hylaea seg. H. Christ — Geogr. d. Farne, p. 302.
2. *S. marginata* (Schrad.) C. Chr. — Especie ainda não bem delimitada, constando-me haver no caso modificações por Underwood, cuja monographia não tenho á mão. Seg. C. Christensen — Ind. Fil. Supplem., 1913, p. 130, está hoje desarticulada em *S. Japurensis*, *S. erythrodes* e *S. Priemiana*.
3. *S. sorbifolia* (L.) J. Sm. var. *Japurense* = *S. Japurense*.

1. *Vittaria angustifolia* (Sw.) Bak. — Amer. trop. seg. C. Chr. — Ind. Fil.; Brasil (Matto Grosso, Goyaz, Pará), Guiana etc., seg. Lindmann — Ark. f. Bot. I, p, 251, sub *Taenitis*.
A Fl. Mart. indica: Goyaz, Pará, Gu. Holland. e Ingi., Colombia, Guatemala, Cuba e Ilhas Galapagos. Colhida por Luetzelburg 22930, em Cucuhy (E. do Amazonas).
2. *V. lineata* (L.) Sm.: Florida e Amer. trop., seg. C. Christensen — Ind. Fil.; seg. Fl. Mart., toda a Amer. trop., no Brasil: Alto Amazonas, Pará, Pernambuco, Minas, Bahia, Rio de Janeiro. Citada por Standley e Calderon em El Salvador.

Nota: Logo após elaborado este estudo sobre Polypodiaceas, segundo as identificações feitas pelo Prof. Rosenstock e por Dr. A. Curt Brade, consegui obter o recente trabalho de O. Posthumus «The Ferns of Surinam and of French and British Guiana 1928», o qual permite adições de area geographica, as quaes não faço no momento por haver tambem divergencias taxinomicas a considerar.

Limito-me a seriar aqui as polypodiaceas indicadas por O. Posthumus, no Roraima: *Dryopteris brachypoda*, *opposita* (Vahl) Urb., *roraimensis* (Bak.) C. Christ., *arborea* Brause, *Ameroraima* (Bak.) C. Christ., *nervosa* (Kl.) C. Christ., *Leprieurii* (Hk.) O. Kuntze, *gongyloides* (Schkuhr) O. Ktze, *guianensis* (Klotzslh) Post., *falculata* (Raddi) O. Ktze, *macrostegia* (Hk.) O. Ktze, *amplissima* (Presl.) O. Ktze, *denticulata* (Sw.) O. Ktze.

Cyclodium meniscioides (Willd.) Presl.; *Leptochilus oligarchicus* (Bak.) C. Christ.; *Nephrolepis cordifolia* (L.) Presl.; *Saccoloma Imrayanam* Hk.; *Lindsaya sagittata* (Aubl.) Dr., y *Schomburghii* Klotzsch, *falciformis* Hk., *tenuis* Kl., *guianensis* (Aubl.) Dry., *stricta* (Sw.) Dry., *quadrangularis* Raddi; *Asplenium serratum* L., *harpeodes* Kze, *sulcatum* Lam., *formosum* Willd., *Serra* Langsd. et Fisch., *radicans* L., *praemorsum* Sw.; *Blechnum asplenioides* Sw., *blechnoides* (Lag.) C. Christ., *gracile* Kaulf., *Schomburghii* (Kl.) C. Christ., *Plumieri* (Desv.) Mett., *capense* (L.) Schlecht., *volubile* Kaulf.; *Pterozonium cyclophyllum* (Bak.) Diels e *reniforme* (Mart.) Fée; *Gymnogramme flexuosa* (H. B.) Desv., *Schomburghiana* Kze e *hirta* (H. B. K.) Kaulf.; *Dryopteris lomariacea* (Kze) Klotzsch e *collina* (Raddi) J. Sm.; *Hypolepis repens* (L.) Presl. e *guianensis* Klotzsch; *Adiantum glaucescens* Klotzsch e *tetraphyllum* Willd.; *Pteris lithobrochoides* Klotzsch; *Histiopteris incisa* (Thumb.) J. Sm.; *Pteridium aquilinum* (L.) Kuhn; *Vittaria angustifolia* (Sw.) Bak., *lineata* (L.) J. Sm. e *stipitata* Kze; *Polypodium gramineum* Sw., *Connellii* Bak., *marginellum* Sw., *leptopodon* Wright, *dicranophyllum* C. Christ., *serrulatum* (Sw.) Mett., *strictissimum* (Hk.) Hieron., *trifurcatum* L., *Phlegmaria* J. Sm., *firmum* Klotzsch, *Hastii* Jenm., *caucanum* Hieron., *moniliforme* Lag., *Jubaeforme* Kl., *capillare* Desv., *melanotrichum* Bak., *xanthotrichum* Klotzsch, *cultratum* Willd., *subsensile* Hk., *pendulum* Sw.,

rigescens Bory, *Kalbreyeri* Bak., *Hookeanum* Jenm., *L'Herminieri* Fée, *pressum* Brause, *pectinatum* L., *meridense* Klotzsch, *loriceum* L., *polypodioides* (L.) Hitchc., *aureum* L., *angustifolium* Sw., *crassifolium* L., *lanceolatum* L.; *Enterosora Campbelii* Bak.; *Elaphoglossum peltatum* (Sw.) Urb., *spathulatum* (Bory) Moore, *Aubertii* (Desv.) Moore, *leptophlebium* (Bak.) C. Christ., *decoratum* (Kze) Moore, *brachyneuron* (Fée) J. Sm., *nigrescens* (Hk.) Diels, *pteropus* C. Christ., *Schomburgkii* (Fée) Moore, *plumosum* (Fée) Moore e *Engelii* (Karst.) Christ.

Assim maioria de especies de *Polypodium* (33 esp.) seguindo-se *Dryopteris* (14).

Endemismos disjuntos: E' interessante indicar aqui exemplos de areas disjuntas muito afastadas na Neotropis, assim *Lomaria semicordata* Bak.: = *Plagiogyria semicordata* (Gr.) Chr. Serras do Mexico até Perú e E. do Rio: Serra dos Orgãos — Itatiaya.

Woodsia mollis J. Smith — Andes do Perú até Mexico; Minas Geraes seg. Fl. Mart.

Polypodium capillare Desv. — Rio de Janeiro, Perú e Antilhas, seg. Fl. Mart.

Elaphoglossum squamipes (Hk.), Moore, Serras do Est. do Rio de Janeiro e Perú até Mexico.

Pteris cretica L.: Rio de Janeiro, Guatemala e Florida; largamente dispersa nas regiões quentes do velho mundo.

Não ha como explicar taes caprichos.

FAM. IV

PARKERIACEAS

Varios autores consideram a familia como monotypica, representada apenas pelo fêto aquatico *Ceratopteris thalictroides* (L.) Brongn. e dando a esta especie grande area geogr.: cosmopolita tropical e sub-tropical.

Outros autores, assim G. Brause (Bearb. von C. Ledermann usw. mitgeb. Pteridoph. «em Engl. bot. Jahrb. 56, 1920 p. 209), admite em separado especies americanas *C. Richardii* Brongn., *C. deltoidea* Bened., *C. pterioides* (Hk.) Hieron., a distinguir de especies das ilhas Marianas e da Africa tropical.

Ceratopteris thalictroides (L.) Brongn. está citada por O. Posthumus (The Ferns of Surinam and of French and British Guiana, 1928) para as tres Guianas e para as regiões tropicaes e sub-tropicaes.

Não encontrei a especie ou qualquer das especies de Ceratopteris na região do Cuminá; cumpre dizer que o trecho percorrido não compreendeu os lagos do baixo Trombetas e que não ha lagos no curso do rio Cuminá; nos Campos Geraes do Cuminá tambem não se encontraram lagos, lagôas, ou pantanos, na epoca em que os percorri.

A Fl. Mart. indica *C. thalictroides* em Rio de Janeiro, Bahia, S. Paulo, Goyaz, Maranhão;, Paraguay, Gu. Holland., Gu. Ingl. e Gu. Franceza; o Herv. Mus. Nac. só permite acrescentar Matto Grosso.

Em Supplem. 1913 ao Ind. Fil. 1906, C. Christensen admite as especies *C. deltoidea* Bened., da Florida, Indias occid. e Guiana; *C. pteridoides* (Hk.) Hieron., da Amer. trop. (Florida — Brasil — Equador).

FAM. V

GLEICHENIACEAS

O Gen. *Gleichenia* Sm., seg. O. Posthumus (l. c.) é representado nas Guianas por quatro especies, tres peculiares tambem á America tropical e uma das Guianas Hollandeza e Ingleza (Roraima inclusive), Equador e Colombia.

A Fl. de Mart. (sub *Mertensia* Willd.) cita 25 especies, das quaes algumas como provaveis no Brasil; para a Amazonia indica *M. nigropaleacea*. J. W. Sturm? *Gleichenia furcata*, seg. C. Christensen, Ind. Filicum 1906.

M. remota Kaulf. = *Gleichenia remota* (Klf.) Spr., seg. C. Christensen, do Brasil e Colombia. No rio Japurá, seg. Fl. Mart.

M. pectinata Willd. = *Gleichenia pectinata* (Willd.), Presl., seg. C. Christensen, da Amer. trop.; Spruce (Notes of a Botanist) indica *Gleichenia glaucescens*, em Obidos, isto é: *Gl. pectinata* (Willd.) Presl, seg. C. Christensen. No rio Negro, seg. Fl. Mart. No Herb. Mus. Nac.: Pará: Serra Santarem, Schwacke 381. — Amazonas: S. Antonio, Schwacke 382.

Gleichenia flexuosa (Schr.) Mett. — Amazonas (Milho) Luetzelburg. Não encontrei nenhuma especie de *Gleichenia* na região do rio Cuminá.

Seg. O. Posthumus, a região do Roraima tem *Gleichenia linearis* (Burm.) Clarke, *Gl. longipinnata* Hk. e *Gl. furcata* (L.) Sprengel.

FAM. VI

SCHIZAEACEAS

Gen. *Aneimia* Swartz. A esp. *A. fulva* (Cav.) Sw. é a mais commum na Amazonia, seg. H. Christ.

No Herv. do Museu Nacional existem as seguintes esp. da Amazonia:

1. *A. anthriscifolia* Schrad.: Serra do Camello (Amazonas), Matto Grosso e Paraná — Seg. C. Christensen é planta de larga dispersão na Neotropis: Do Mexico até Paraguay.
2. *A. fulva* (Cav.) Sw.: Amazonas: Serra da Mina, Serra do Marupú e S. do Maruay, leg. Luetzelburg; é da Amer austr. trop.; seg. C. Christensen, Ind. Filicum.
3. *A. humilis* Sw. — Santarem, no E. do Pará.
4. *A. millefolia* Gard.; Amazonas: Igarapé Mello, leg. Luetzelburg.
5. *A. oblongifolia* (Cav.) Sw.: Roraima, Vale do rio Quinó, Serra do Xiriry (leg. Luetzelburg) e tambem de Minas, Matto Grosso, E. do Rio, Piauhy, Goyaz.

Gen. LYGODIUM Sw. Na região do Cuminá colligi:

1. *Lygodium micans* St. (det. Rosenstock), já no Vale da Serra de Tumucumac; é especie das Antilhas, Guiana Ingleza, Trinidad e S. Domingo, seg. K. Prantl e seg. C. Christensen, Ind. Fil. é de Indias occid. e Guiné.

No Herv. do Museu Nacional: Pará: Campos Geraes do Cuminá (vale da Serra Tumucumac), A. Samp., n. 5861 e Bahia: Jacobina, Schreiner s. n.

2. *Lygodium polymorphum* (Cav.) H. B. K. = *L. venustum* Sw. na Fl. Mart., que indica como area geogr.: Rio de Janeiro, Ceará, Pará, Amazonas, Guianas Hollandeza e Ingleza, Venezuela, Equador, Perú, Ilha de S. Domingo e Trinidad.

Seg. Pittier et Durand (Fl. Costaricense): Mexico, Antilhas, Costa Rica e Brasil.

Encontrei esta especie nos Campos Geraes do Parú do Cuminá, escandente, á borda de capões de matto, 19—XI—928, A. Samp. 5601.

No Herv. do Museu ha exemplares de E. do Rio (Campos), XII—1916, A. Samp. 1606-A, Matto Grosso (Bomfim, 31—IX—908, J. Cesar Diogo 49; S. Manoel II—1912, Hoehne 5279 e 5277, liana em campo e serrado; Pará: Obidos VIII—1927, Luetzelburg 21212, Oyapok, Serra de Xiriry VIII—927, Luetzelburg 20776, Antonio Lemos VII—1927, Luetzelburg 21211; Amazonas: Manáos, 28—VI—1892, Schwacke 479; Serra do Murupú VIII—1927, Luetzelburg 20787; Serra Surumú VIII—927, Luetzelburg 20419, trepadeira frequente na margem do rio; Rio Cotim, X—1927, Luetzelburg 20998.

Var. *dissectum* Prantl — Rio Surumú, IX—1927, Luetzelburg 20416; seg. Prantl (Die Schizaeaceae) é de Venezuela, Nova Granada, e Nicaragua.

L. volubile Sw. — Pará.

Gen. *Schizaea* Smith.: Na *Hylaea*, seg. H. Christ — Geogr. der Farne, p. 302:

1. *S. elegans* (Vahl) Sw. var. *amazonica*.
2. *S. flabellum* Mart. = var. de *elegans* seg. C. Christensen, Ind. Filicum.
3. *S. subtrijuga* Mart. = *S. penicillata* H. B. K. (da Amer. austr. trop. e Trinidad, seg. C. Christensen).
4. *S. pacificans* Mart., do Brasil.

Segundo K. Prantl — Schizaeaceae:

1. *S. elegans* (Vahl.) Sw., da Amer. trop.: Brasil meridional e Amazonas: rio Negro; Guianas, Venezuela e Am. Centr. até Mexico, Trinidad e Jamaica. No Herb. Mus. Nac.: Pará — Schwacke var. *flabellum*: Rio Negro, Gu. Holland., Gu. Ingl., Venezuela e S. Domingo; var. *amazonica* Chr. (Hedw. 44): Manáos, Sub. *S. flabellum* Mart., H. Christ l. c. Campina de Marmelo, no rio Madeira.
2. *S. pennula* Sw., seg. Prantl, do Uruguay, Brasil (R. Jan., Amazonas: rio Negro), Gu. Holland., Gu. Ingl. e Guadalupe; colhida no rio Içana, por Luetzelburg 22688 (det. Rosenstock).
3. *S. penicillata* Kunth, seg. Prantl: Brasil (Amazonas: rio Negro), Gu. Holland., Gu. Ingl., Venezuela e Trinidad, seg. Fl. Mart., rio Japurá. Seg. H. Christ (Hedw. 44) na Campina de Marmelo.
4. *S. incurvata* Schkuhr, seg. Prantl: Brasil: E. do Pará (Collares) e Amazonas (Rio Negro); Gu. Holland. e Gu. Ingl.; colhida no Rio Ayari, Luetzelburg 22706, det. Rosenstock e no Rio Negro (idem).
5. *S. fluminensis* Sturm.: Brasil: Amazonas no Uaupés, e na Guiana; no Museu Nacional: Pará, leg. Schwacke s. n.
C. Christensen, Ind. Fil. indica-a também em Granada.
6. *S. Sprucei* Hk.: do rio Negro abaixo da bocca do Cassiquiare.
7. *S. pacificans* Mart.: Brasil: rio Negro; Seg. Fl. Mart. (sub *S. spectabilis* Mart.) no rio Japurá.
8. *S. Poeppigiana* Sturm.: Perú, Nova Granada, Venezuela, Gu. Britannica e Cuba, seg. Prantl. No Herv. do Mus. Nacional Juruena Nov. 1911, Hoehne 5370 (—*S. dichotoma* Kze); foi agora colhida por Ph. Luetzelburg no rio Uaupés, (det. Rosenstock).

Seg. H. Christ em Schwacke — Plantas Mineiras 1900 p. 35, esta esp. está citada para S. Catharina onde colhida por E. Ule n. 113.

FAM. VII

OSMUNDACEAS

O. Posthumus (l. c.) indica apenas *Osmunda imbricata* Kze, das regiões montanhosas das Guianas e do Brasil; seg. C. Christensen — Ind. Fil. esta especie é var. de *O. cinnamomum* L.

A Fl. de Mart. cita 5 especies, das quaes duas provaveis no Brasil e as outras do Sul e do Centro; nenhuma citada para a Amazonia.

Cumpré lembrar no emtanto que, seg. H. Christ (Die Geographie der Farne, p. 159) *Osmunda regalis* é, como Pteridium, um fêto universal, sendo que no Brasil representada por uma sub-esp. segundo Linneu, ou especie segundo outros autores: *O. palustris* Schrad., do Rio de Janeiro, Serra dos Orgãos, Serra do Mar, Minas Geraes e dos pantanos do rio Mucuri, seg. Fl. Mart.

A especie indicada por O. Posthumus nas Guianas, *O. imbricata* Kze, está citada na Flora de Martius para Venezuela e Guianas; provavel na Amazonia portanto.

Osmunda cinnamomea L. (*O. imbricata* na Fl. Mart.) é da Guiana e provavel na Amazonia.

ADDENDA A CYATHEACEAS:

Hemitelia roraimensis Domin., in Karl Domin — The Pteridophyta of the Island of Dominica, with notes on various ferns from tropical America», Praha 1929.



Est. I

Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

Fig. 5

Fig. 1 — *Trichomanes vittaria* DC. Fig. 2 — *Trichomanes pennatum* Kl.
Fig. 3 — *Trichomanes pinnatum* Hedw. Fig. 4 — *Trich. Hostmannianum* (Kl.) Kze.
Fig. 5 — *Trich. cellulsum* Kl.

Est. II



Alsophila blechnoides (Rich.) Hk.

A. J. DE SAMPAIO—*Eufilicneas do
Rio Cumind*

Est. III



Adiantum deflectens Mart.

Est. IV



lam. nat.

Lindsaya Schomburgkii Kl.

Est. V



ERRATA — Nesta estampa em vez de *Elaphoglossum lomarioides*,
leia-se: *Elaphoglossum laminarioides*.

Est. VI



Elaphoglossum apodum (Klf.) Schott

Est. VII

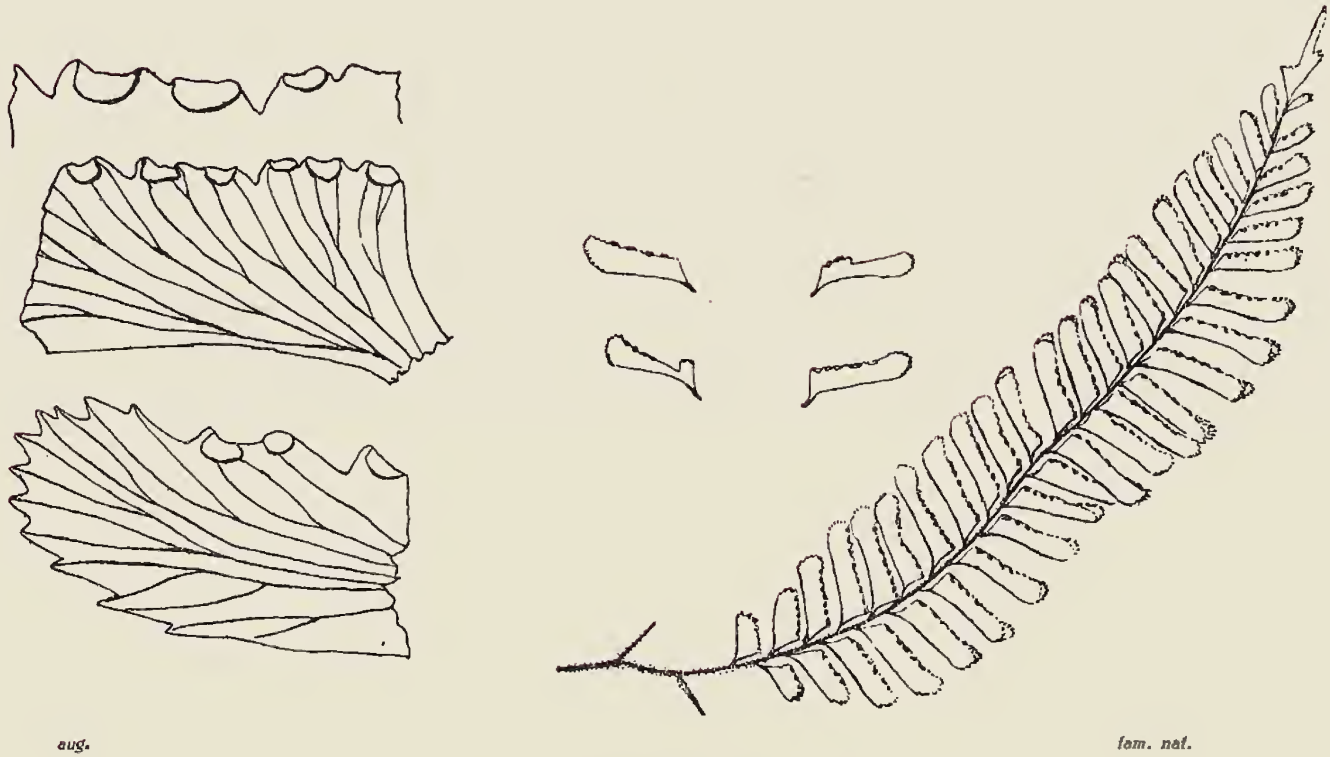


Elaphoglossum discolor (Kuhn) C. Chr.



Eschatogramme Desvaxii (Kl.) C. Chr.

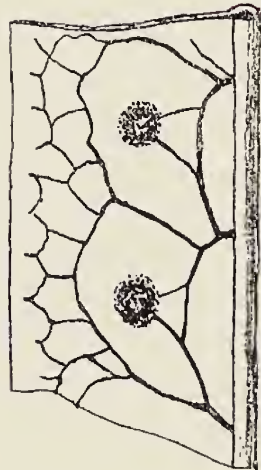
Est. IX



Adiantum Rondoni, A. Samp. n. sp.



P. lycopodioides
(A. Samp. 5046)



P. squamulosum



P. vacciniifolium



P. galathea



P. geminatum

Polypodium lycopodioides L. e especies proximas

Quadro comparativo da venação
por Dr. A. C. Brade

Est. X



Polypodium megalophyllum Desv.

Est. XI



Lygodium polymorphum (Cav.) H. B. K.



Fig. 1 — *Lyndsaya lancea* (L.) Mett. forma typ.
Fig. 2 — *Lyndsaya lancea* (L.) Mett. f. *simplex* Rosé,
Fig. 3 — *Lyndsaya elegans* Hk.

Fig. 4 — *Lyndsaya falcata* Dry.
Fig. 5 — *Lyndsaya Schomburgkii* Kl.
Fig. 6 — *Lyndsaya botrychioides* St. Hil.

MELLO-LEITÃO

Aranhas do Cuminá

ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL

VOL. XXXII

RIO DE JANEIRO



MELLO-LEITÃO

ARANHAS DO CUMINA'

Colheram os Drs. Gastão Cruls e Alberto Sampaio, em sua recente excursão ao rio Cuminá ou Erepecurú, uma coleção de aranhas, pobre em espécimens porém muito valiosa pelas novidades que apresenta. Nada ainda fôra descrito da fauna dessa região, antes não percorrida por naturalistas, como nos diz G. Cruls em seu magnífico livro (1), não admirando, pois, o numero relativamente muito grande de especies novas. A estes dois illustres amigos meus melhores agradecimentos.

Encontrei, no material coligido as seguintes especies:

Sub-ordem MYGALOMORPHAE

Familia ACTINOPODIDAE

1 — ACTINOPUS RUFIBARBIS sp. n.

Familia CTENIZIDAE

2 — IDIOPS CRULSI sp. n.

Familia DIPLURIDAE

3 — *Harmonicon rufescens* F. Cambr.

Familia AVICULARIIDAE

4 — *Avicularia avicularia* (L.)

5 — AVICULARIA CUMINAMI sp. n.

6 — EPHEBOPUS VIOLACEUS sp. n.

7 — PSEUDOMOEOMMA FASCIATUM g. n. sp. n.

Sub-ordem ARACHNOMORPHAE

Familia HERSILIIDAE

8 — *TAMA CRULSI* sp. n.

Familia PISAURIDAE

9 — *Paradossenus nigricans* F. Cambridge.

10 — *Thaumasta* sp. (pullus).

11 — *Trechalea longitarsis* (C. Koch).

Familia LYCOSIDAE

12 — *LYCOSA MINIMA* sp. n.

Familia OXYOPIDAE

13 — *Oxyopes salticus* Hentz.

14 — *Schenicoscelis exilis* Mello-Leitão.

15 — *TAPINILLUS ROSEISTERNI* Mello-Leitão.

Familia PHOLCIDAE

16 — *BLECHROSCELIS AURANTIACUS* sp. n.

17 — *Modisimus putus* Cambr.

Familia THERIDIIDAE

18 — *Theridion eximium* Keyserl., 1884.

19 — *Theridion studiosum* Hentz, 1850.

Familia ULOBORIDAE

20 — *ULOBORUS CUMINAMENSIS* sp. n.

Familia ARGIOPIDAE

- 21 — *Argiope argentata* (Fabr.).
- 22 — *Acacesia foliata* (Hentz).
- 23 — *Araneus detrimentosus* (Cambr.).
- 24 — *Araneus nigropustulatus* (Cambr.).
- 25 — *Araneus nephiloides* (Cambr.).
- 26 — *Eustala anastera* (Walck.).
- 27 — *Leucauge idonea* (Cambr.).
- 28 — LEUCAUGE FUNEBRIS sp. n.
- 29 — *Micrathena schreibersi* (Perty).
- 30 — MICRATHENA CUMINAMENSIS sp. n.
- 31 — *Tetragnatha tenuissima* Cambr.
- 32 — *Tetragnatha pallida* Cambr.
- 33 — *Tetragnatha guatemalensis* Cambr.

Familia CTENIDAE

- * 34 — CTENUS NANELLUS sp. n.
- 35 — CTENUS CRULSI sp. n.
- 36 — CTENUS AMPHORA sp. n.
- 37 — CTENUS CUMINAMENSIS sp. n.
- 38 — *Ctenus* sp. (pullus).

Familia DRASSIDAE

- 39 — ZELOTES TRIMACULATUS sp. n.

FamiliaS PARASSIDAE

- 40 — SAMPAIOSIA CRULSI g. n.; sp. n.
- 41 — *Olios viridans* (Simon).
- 42 — *Olios stylifer* (F. Cambr.).
- 43 — OLIOS SUBADULTUS sp. n.
- 45 — *Olios* sp. (pullus).

Familia THOMISIDAE

- 46 — *Epicadinus* sp. (pullus).
- 47 — *Misumenops pallens* (Keys.).

Familia CLUBIONIDAE

- 48 — CASTANEIRA (?) ISOPHTHALMA sp. n.
 49 — *Teudis citus* (Keys.).
 50 — TEUDIS GRANDIVULVAE sp. n.
 51 — *Teudis* sp. (*pullus*).

Familia SALTICIDAE

- 52 — ACRAGAS UNIDENTATUS sp. n.
 53 — AGELISTA AMAZONICA sp. n.
 54 — CRULSIA TYPICA g. n. sp. n.
 55 — DASYOPHRYS NIGRA g. n. sp. n.
 56 — ITATA PARTITA sp. n.
 57 — LURIO CONSPICUUS sp. n.
 58 — *Lyssomanes amazonicus* Peckh.
 59 — *Lyssomanes spiralis* F. Cambr.
 60 — *Metaphiddipus apicalis* F. Cambr.
 62 — *Psecas sumptuosus* (Perty).

MYGALOMORPHAE

Actinopus rufibarbis sp. n. (Fig. 1)

♀ — 20 mm.

Cefalotorax com a região cefálica muito elevada. Olhos anteriores em linha procurva, os médios separados um do outro menos de um diâmetro e a mais de cinco diâmetros dos laterais, que são bem maiores. Olhos posteriores em fila recurva, os médios duas vezes menores que os laterais, dos quais distam cerca de um diâmetro e afastados um do outro cerca de 7 diâmetros. Borda anterior do cefalotorax ornada de cerdas espiniformes erectas. Quelicera com cerdas espiniformes erectas e armada de rastelo, formado por 3 dentes maiores, internos e uma corôa de dez outros, menores. Peça labial armada de 3-3-3-1 cuspulas apicais. Ancas dos palpos muito cuspulosas em seu terço interno. Esterno largamente truncado atrás, estreitando-se regularmente para diante e profundamente deprimido no meio, com sigilas sub-labiais e revestido de pequenas cerdas erectas, caducas. Pernas espessas; as dos dois primeiros pares com espinhos curtos, muito numerosos, nas faces e de um e outro lado da face inferior dos protarsos e tarsos, só na face externa e bórda externa da face

inferior das tibias, havendo na face interna das tibias anteriores 2 espinhos e nas do segundo par um espinho; face dorsal mutica; patelas muticas. Pernas do terceiro par com um rastelo apical-dorsal de abundantes espinhos nas patelas e tibias, que apresentam numerosas cerdas espiniformes curtas; protarsos e tarsos com duas filas de espinhos erectos e três espinhos apicais, além das cerdas; pernas posteriores com uma faixa dorsal anterior de curtos espinhos em três ou quatro filas; tibias muticas; protarsos com um espinho apical e tarsos muticos.

Cefalotorax, pernas e peças bucais pardos, lavados de fusco; queliceras fulvas; esterno amarelado. Abdomen castanho com duas filas dorsais de 4 pequenas manchas obliquas, mais claras, pouco nitidas.

Pertence a presente especie ao grupo de patelas anteriores muticas e de labio cuspuloso, distinguindo-se delas pelo abdomen manchado; de *A. nattereri* e *A. luteipes* se separa pelo colorido das queliceras bem diverso do do cefalotorax, e de *A. princeps*, ao qual é muito afin, pela cor das queliceras, e pela armação do labio. Distingue-a das outras especies a faixa dorsal de espinhos das pernas posteriores.

Idiops cruksi sp. n. (Fig. 2)

♀ — 13 mm.

Cefalotorax baixo, mais longo que largo, de sulco toracico regularmente semicircular, procurvo. Olhos anteriores contiguos, junto á bórda frontal. Olhos posteriores do comoro ocular em fila direita, os medios separados um do outro mais de quatro diametros e a um diametro dos laterais, que são três vezes maiores. Olhos diurnos do comoro (laterais anteriores) maiores que os laterais posteriores e separados um do outro pouco mais de um diametro. Queliceras armadas de robusto rastelo. Palpos muito espessados nos dois segmentos apicais, de patelas armadas de robusto espinho apical de cada lado e femures com três robustos espinhos apicais internos e quatro externos. Pernas dos dois primeiros pares com os três segmentos apicais muito espinhosos; femures com uma fila de espinhos infero-externos no terço apical. Fiandeiras inferiores delgadas, pequenas; as posteriores (superio-

Cefalótorax e abdomen pardo-castanhos, escuros, bem como as queliceras. Esterno amarelo-palido. Labio e ancas dos palpos fulvos, o labio com uma fila apical de cinco cuspides e mais duas cuspides um pouco atrás; ancas dos palpos densa e completamente revestidas de cuspides negras. Pernas e palpos testaceos, com anéis negros regulares, ocupando o apice dos femures e toda extensão das patelas, o apice das tibias e o dos protarsos. Femur dos palpos castanho-escuro,

Pela anelação regular de suas pernas difere nitidamente esta especie das demais da região neotropical, distinguindo-a igualmente a densa espinulação das ancas dos palpos, aproximando-se, por êste carácter estrutural, de *I. nilopolensis*.

Avicularia cuminami sp. n. (Fig. 3)

Apezar de ter sido coligido um unico exemplar jovem, o colorido é tão característico, que faço esta descrição provisória:

♀ (jovem) — 18 mm.

Cefalotorax um pouco mais longo que largo, de fovea torácica profunda, transversa. Rima ocular baixa, quasi duas vezes mais longa que larga. Olhos anteriores em fila muito procurva, os medios maiores, afastados um do outro um diametro e um pouco mais aproximados dos lateraes. Olhos medios posteriores muito menores que os anteriores e menores que os laterais posteriores, aos quais são quasi contiguos, formando com os mesmos uma fila recurva. Olhos laterais posteriores pouco menores que os laterais anteriores.

Pernas relativamente curtas, robustas, sem espinhos, com densas escópulas sub-tarsais, estendendo-se também sob os protarsos.

Colorido geral branco acinzentado, com um largo anel negro nos protarsos dos palpos; tarsos de todas as pernas inteiramente negros.

As escópulas tarsais ainda se apresentam divididas por uma faixa longitudinal de cerdas.

Ephebopus violaceus sp. n. (Fig. 4)

♀ — 23 mm. Cef. 8×7 mm. Abdomen 12×8 mm. Pernas — 25-21-18-25 mm.

Cefalotorax baixo, de fovea torácica profunda, levemente procurva. Comoro ocular duas vezes mais largo que longo. Olhos posteriores pequenos, iguais, em fila levemente recurva, os medios contiguos aos laterais. Olhos anteriores grandes, maiores que os posteriores, os medios maiores que os lateraes, em fila bem procurva, os medios separados um do outro mais de um diametro e distantes dos laterais cerca de um diametro. Todos os tarsos providos de densas escópulas, que se estendem até á base dos protarsos nas pernas anteriores, ocupando a metade apical dos protarsos II e III; protarsos IV sem escópula mas com longos pêlos sedosos. Pernas múticas, exceto os protarsos III e IV que apresentam dois pequenos espinhos apicais.

Peça labial mais larga que longa, de apice densamente cuspuloso. Ancas dos palpos muito cuspulosas. As escópulas dos tarsos dos dois últimos pares são divididas por uma linha de cerdas, as dos dois primeiros pares muito largas, as duas últimas da largura do segmento. Sigilas esternais posteriores quasi marginais.

Cefalotorax e apêndices fulvo-escuros, principalmente o cefalotorax. Escópulas negras. Esterno e peças bucais do mesmo colorido que o cefalotorax. Ventre pardo murino. Dorso do abdomen pardo, de tons de lentilha cozida, com sombreado nitidamente violáceo e com uma estreita faixa longitudinal violeta, que termina atrás em ponta, ao nível do quinto posterior. Fiandeiras pardas, com as articulações das fiandeiras posteriores mais claras.

Pseudhomoeomma g. n.

Cefalotorax mais longo que largo, baixo, de fovea torácica transversal, direita. Comoro ocular pouco mais largo que longo. Olhos anteriores em fila fortemente procurva, iguais. Olhos posteriores em fila recurva, quasi iguais, os medios contiguos aos laterais. Todos os tarsos densamente escópulados, bem como a metade apical dos protarsos I e II e o quinto apical dos protarsos III e IV; as escópulas dos tarsos posteriores divididas por uma faixa longitudinal de cerdas. Labio um pouco mais longo que largo, densamente cuspuloso. Sigilas esternais posteriores marginais pouco visíveis. Pernas espinhosas. Tibias anteriores do macho armadas de dupla apófise apical, cujo ramo externo é maior que o interno e curva; protarsos anteriores curvos, dobrando-se entre as apófises tibiais, *Especie tipo:*



Pseudhomoeomma fasciatum sp. n. (Fig. 5, 6 e 7)

♂ — 12 mm. Cefalotorax — 7×6 mm. Pernas — 16-14-14-20 milímetros.

♀ — 12 mm. Cefalotorax — 7×6 mm. Pernas — 13-12-12-15 milímetros.

Olhos anteriores iguais e equidistantes. Olhos medios posteriores pouco menores que os laterais e a igual distancia dos anteriores e dos laterais posteriores.

A area cuspulosa das ancas dos palpos compreende toda a metade basal. Tibias anteriores armadas de 1-1 espinhos externos; as do segundo par com 1-1-1 espinhos externos e 1 interno; protarsos an-

teriores muticos e os do segundo par com um espinho inferior no terço basal. Pernas dos dois pares posteriores muito espinhosas.

Tibias anteriores do macho com dupla apófise apical; a externa maior, geniculada, com pequena cuspide sub-apical; a interna direita, levemente entalhada e chanfrada no apice.

Palpo do macho com o bulbo sub-apical e provido de uma apófise curva, em aculeo de roseira, sob o estilête.

Pernas pardas, de femures negros. Esterno, peças bucais e ancas rúlvos. Ventre e fiandeiras de tom pardo-claro.

Cefalotorax pardo, com toda a região cefálica negra, formando um triangulo cujo apice toca a fovea toracica. Abdomen negro, apresentando, de cada lado, três faixas obliquas para baixo e para trás, de tom pardo claro.

ARACHNOMORPHAE

Tama crulsi sp. n. (Figs. 8, 9 e 10)

♂ — 4 mm. Cefal. 2 mm.; Abdomen 2 mm. Fiandeiras superiores 2,5 mm.

Cefalotorax mais largo que longo, de região cefálica muito elevada e separada por profundos sulcos. Olhos posteriores grandes, iguaes, em fila muito recurva, equidistantes, separados uns dos outros cerca de meio diametro. Olhos anteriores em fila ainda mais recurva, os medios do tamanho dos posteriores e duas vezes maiores que os laterais, dos quais distam um diametro, sendo um pouco mais proximos um do outro. Os laterais anteriores formam com os medios posteriores uma fila levemente procurva. Area dos olhos medios um pouco mais alta que larga e um nada mais estreita atrás. Clypeo bem mais baixo que a area dos olhos medios. Cheliceras maiores que a altura total da frente. Fiandeiras posteriores maiores que o abdomen, de segmento apical maior que o basal; fiandeiras anteriores menores que o segmento basal das posteriores.

Palpos curtos, de femur cilindrico, terete; tibia angulosa; patela igual á tibia, levemente dilatada no apice; tarso igual á patela e tibia reunidas, de grande bulbo basal, com uma apófise mediana e de estilête basal, dirigido para cima, ultrapassando a extremidade apical do bulbo.

Cefalotorax pardo, lavado de fusco nas margens e com estreita faixa branca mediana, atrás da area ocular. Cheliceras quasi negras. Peça labial e laminas maxilares sombreadas de fusco. Esterno amarelo claro, bem como as ancas. Ventre pardo-claro. Abdomen pardo-acin-

zentado, lavado e mosqueado de fusco, com 6 manchas negras indistintas, com a forma de pequenas alças de concavidade anterior e dispostas em três pares. Pernas pardas, com anéis pouco nitidos, os femures anteriores ornados de pequenas manchas negras na face anterior. Fiandeiras posteriores pardas, com três anéis negros.

Lycosa minima sp. n. (Figs. 11 e 12)

♀ — 6 mm.

Cefalotorax alto. Área dos olhos posteriores pouco mais longa que larga, quasi paralela. Olhos anteriores equidistantes, os medios maiores, separados uns dos outros cerca de meio diametro, em linha procurva. Peça labial mais longa que larga. Esterno terminado em ponta, adiante das ancas posteriores. Queliceras com a margem inferior armada de 3 dentes, sendo o basal menor. Tibias anteriores com 2-2 espinhos inferiores, sendo os dos dois primeiros pares muito mais robustos; protarsos com 2-2 espinhos inferiores; tarsos e protarsos escópulados.

Cefalotorax castanho-negro, com uma larga faixa fulvo-clara que vai dos olhos posteriores á borda posterior, na qual ha 4 pequenas manchas. Sulco torácico longo e profundo, fulvo-escuro. Pernas e cheliceras fulvo-escuras. Toda a face inferior castanho-negra. Abdomen fulvo-escuro.

Shenicoscielis exilis Mello-Leitão, 1930

♂ — 8 mm. — Abdomen — 5 × 0,8 mm.

Cefalotorax baixo, muito estreitado adiante, com a região cefálica muito elevada. Olhos posteriores em fila procurva, iguaes e equidistantes, separados uns dos outros cerca de dois diametros. Olhos anteriores pouco maiores e duas vezes maiores que os olhos medios anteriores, com os quais fórma fila bem recurva. Clipeo mais alto que a área ocular. Pernas muito longas e finas com espinhos pouco numerosos, longos nos femures, sendo os outros segmentos muticos. Abdomen muito delgado, longo, cinco vezes mais longo que largo. Esterno quasi circular. Peça labial chanfrada no apice, excedendo o meio das laminas-maxilares, que são estreitas, um pouco dilatadas no apice, convergentes.

Cefalotorax amarelo-pardacento, com um triangulo um pouco mais claro mediano. Abdomen amarelo-pardacento em seu terço an-

terior, branco no resto, com uma linha recurva longitudinal mediana, irregularmente ramificada. Esterno, ancas e partes bucais amarelo-palidos. Ventre pardacento.

Palpos de femur direito; patela pouco mais longa que larga; tibia cilindrica sem apófise; tarso maior que a tibia, com grande bulbo muito complexo.

Difere a presente especie das outras do genero pela ausencia de apófise apical na tibia dos palpos do macho e pelo colorido do abdomen.

Tapinillus roseisterni Mello-Leitão 1930

♀ — 10 mm. Abdomen 6,5 mm. Pernas: 12-16-12-10 mm.

Cefalotorax bem mais longo que largo, elevado e pouco estreitado adiante. Olhos posteriores iguais, em fila levemente recurva, equidistantes, separados uns dos outros pouco mais de um diametro. Olhos laterais anteriores duas vezes maiores que os posteriores, largamente separados um do outro, ocupando espaço quasi igual á fila posterior. Área dos olhos anteriores duas vezes mais larga que alta; olhos medios muito pequenos, cerca de seis vezes menores que os laterais, separados entre si um diametro e a três diametros dos laterais. Clipeo mais alto que a area dos olhos anteriores e mais baixo que a area ocular total, quasi vertical, de borda inferior levemente arredondada. Queliceras longas, verticais. Pernas longas, com todos os segmentos armados de espinhos. Laminas maxilares estreitas, levemente convexas; peça labial mais longa que larga, de ponta arredondada, excedendo pouco o meio das laminas. Esterno largamente chanfrado adiante, terminando atrás em ponta, separando as ancas posteriores.

Cefalotorax amarelo com larga faixa longitudinal mediana que vai da area ocular á borda posterior. Olhos em manchas negras. Clipeo amarelo, com os angulos laterais inferiores negros. Queliceras amarelas. Esterno roseo, com três manchas fuscas anteriores e um M amarelo mais ou menos nitido. Ancas amarelas, de borda anterior rosea, exceto as anteriores, cuja borda anterior é negra. Peça labial amarela; laminas-maxilares amarelas, de borda negra. Pernas amarelas com manchas e anéis roseos, sendo os anéis apicais das tibias sombreados de negro. Abdomen de dorso pardo, com uma larga faixa branca de cada lado, podendo ser considerado como dividido em três faixas quasi iguais, a média parda, pouco mais larga e as laterais, brancas. Ventre amarelo com as placas estigmaticas pulmonares roseas. Fiandeiras fuscas.

Epigino largo, com uma pequena peça mediana e duas laterais concavas.

Difere esta especie de *T. longipes* (Tacz.) pela fórma inteiramente oposta das linguetas do epigino, por ter os olhos posteriores equidistantes e pela peça labial de apice arredondado e não chanfrado. O desenho do abdomen, o colorido do esterno e das pernas são muito diferentes.

Blechroscelis aurantiacus sp. n. (Fig. 13)

♂ — 5 mm.

Cefalotorax largo, deprimido, de região ocular muito elevada. Olhos medios posteriores contiguos aos laterais e separados um do outro dois diâmetros. Fila de olhos posteriores levemente procurva, a de olhos anteriores direita. Olhos laterais anteriores contiguos aos laterais posteriores e duas vezes maiores que os medios anteriores. Queliceras curtas, sem apófise. Femures do terceiro par duas vezes mais robustos que os outros femures. Abdomen oval curto.

Cefalotorax, queliceras, esterno, peça labial, laminas maxilares e palpos alaranjados. Pernas: femures dos três primeiros pares alaranjados, os posteriores fulvo-negros, de apice alaranjado; patelas alaranjadas; tibias negras, de base e apice amarelo-alaranjados; protarsos e tarsos amarelo-claros, a base dos protarsos quasi negra. Abdomen alaranjado, levemente sombreado de pardo.

Palpo de femur bem dilatado no apice; patela mais larga que longa; tibia maior que a patela; tarso maior que a patela e tibia reunidas, muito estreito, de grande bulbo, com o estilête fino, excedendo o apice do segmento.

Uloborus cuminamensis sp. n. (Figs. 14 e 15)

♀ — 7 mm.

Cefalotorax baixo, mais elevado atrás. Olhos posteriores em fila fortemente recurva, os medios postos em uma eminencia mediana, e mais proximos um do outro que dos laterais. Olhos anteriores em linha levemente procurva, os medios um pouco maiores e tambem mais proximos um do outro que dos laterais. Area dos olhos medios paralela, tão alta quão larga. Abdomen alto adiante, com o esboço de dois tubérculos e muito declive para trás. Calamistro ocupando a metade basal da face dorsal, dos protarsos posteriores, levemente excavada.

Cefalotorax negro, com um Y acinzentado atrás. Pernas castanho-negras, com anéis claros. Esterno negro, bem como a peça labial, as lamínas maxilares e as ancas. Abdomen castanho negro, tendo no meio do dorso três pares de estrias longitudinais prateadas e de cada lado, na metade anterior, uma linha sinuosa prateada que, em sua porção posterior, alcança a face ventral. Ventre castanho negro, com duas linhas claras sinuosas.

Epigino pequeno, fulvo, alto.

Micrathena cuminamensis sp. n. (Fig. 16)

♀ — 10 mm.

Abdomen mais longo que largo, de borda anterior inerme, pouco dilatado atrás, com dois espinhos dorsaes de cada lado, os anteriores duas vezes maiores, e quatro robustos espinhos posteriores, sendo os superiores robustísimos e duas vezes maiores que os inferiores.

Cefalotorax amarelo-pardacento, bem como as queliceras. Pernas amarelo-queimadas, de três segmentos apicais fulvos. Peça labial, lamínas maxilares e esterno amarelos. Ventre fusco. Dorso do abdomen claro, com pintas vermelhas, irregularmente esparsas, e espinhos negros.

Leucauge funebris sp. n. (Fig. 17)

♀ — 9 mm.

Cefalotorax baixo. Olhos posteriores em fila recurva, os medios separados um diametro e a dois diametros dos lateraes, sendo os medios maiores. Olhos anteriores iguais, equidistantes, em fila direita. Area dos olhos medios mais alta que larga, mais larga adiante. Pernas múticas, de protarsos e tarsos curvos.

Toda a aranha negra; o abdomen apresenta de cada lado uma faixa longitudinal estreita, levemente obliqua, doirada.

Esterno longamente piloso. Apice dos femures I e II com pequena mancha clara.

Ctenus nanellus sp. n. (Figs. 18 e 19)

♂ — 9 mm. Cefalotorax: 5 mm. Pernas: 9-18-13-20 mm. Patelas com as tibias: 7-5-5-6 mm.

Olhos laterais posteriores menores que os medios posteriores. Segunda fila ocular direita. Area dos olhos medios mais larga que alta,

mais estreita adiante, os olhos anteriores e vez e meia menores que os posteriores. Clipeo pouco mais alto que os olhos anteriores. Tibias dos dois primeiros pares com 2-2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado; protarsos com 2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 de cada lado.

Cefalotorax pardo-fusco, com uma faixa longitudinal mediana, revestida de pêlos cremes e, perto das bordas, com uma faixa sinuosa clara. Cheliceras fulvo-negras. Pernas pardo-escuras, quasi negras, uniformes. Abdomen fusco, com larga faixa mediana de bordas recortadas, formando uma figura em folha de féto. Peça labial e laminas maxilares pardo-escuras. Esterno e ancas do mesmo colorido, com pequenas manchas alongadas mais claras. Ventre negro, com duas manchas brancas.

♀ — 11 mm. Cefalotorax: 5 mm. Pernas: 15-11-10-15 mm.

Estrutura e colorido iguais. Pernas robustas. Ventre negro com 6 manchas quasi circulares brancas, sendo quatro anteriores (as duas medias grandes e as duas laterais pequenas) e duas posteriores.

Palpos do macho longos, de femur direito; patela cilíndrica, tibia quasi duas vezes maior que a patela, com a apófise apical externa curva, curta, dirigida para diante; tarso bem menor que a tibia, de bulbo basal com estilête recurvo, ponteagudo.

Ctenus cruksi sp. n. (Figs. 20 e 21)

♀ — 15 mm. Cefalotorax: 8 mm. Pernas: 20-18,5-17-24 mm. Patelas com as tibias: 7,5-7-5,5-8 mm.

Olhos posteriores iguais, em fila pouco recurva. Fila média, levemente recurva, os laterais ao nível dos laterais posteriores, muito pequenos. Area dos olhos médios mais alta que larga, paralela, de olhos anteriores iguais aos posteriores. Clipeo da altura dos olhos anteriores. Tibias e protarsos como em *Ct. nanellus*, os protarsos densamente escopualdos. Queliceras armadas de cinco dentes na margem inferior. Pernas curtas e robustas.

Cefalotorax fulvo escuro, mais claro no meio, quasi rubro, formando uma faixa lanceolada atrás. Queliceras fulvo-escuras. Pernas do mesmo colorido, com as tibias dos dois pares posteriores com anéis claros. Esterno e ancas côr de mogno. Peça labial e laminas-maxilares fulvo-escuras. Abdomen castanho-escuro, com uma faixa mediana dentada, em folha de féto; ventre negro com duas manchas virguliformes anteriores, logo atrás do epigíno e com duas linhas brancas, convergentes atrás; dos lados dessas linhas ha alguns pontos esparsos, de pêlos brancos.

Ctenus amphora sp. n. (Figs. 22 e 23)

♀ — 15 mm. Cefalotorax: 8 mm. Pernas: 21-20-18-25 mm. Patelas com as tibias: 8-7-6-8 mm.

Olhos posteriores com os medios mais proximos que dos laterais. Fila média direita, os laterais mediocres, mais internos que os laterais posteriores. Area dos olhos medios tão alta quão larga, levemente mais estreita adiante, de olhos anteriores bem menores. Clipeo mais alto que os olhos anteriores. Pernas como em *Ct. crulsi*. Queliceras com quatro dentes na margem inferior do sulco ungueal.

Cefalotorax, queliceras, pernas e palpos fulvo-escuros, uniformes, esterno e peças bucaes e ancas' mais claros. Abdomen fulvo-negro, com um desenho claro mediano dorsal, lembrando uma anfora, invertida, terminando ao nivel dos 3/5 posteriores, e sendo muito delgado adiante. Ventre de colorido igual ao dorso, com duas manchas elíticas brancas logo atrás do epigino, seguindo-se ás mesmas duas linhas pontuadas, de tufos de pêlos brancos, que se unem no terço posterior; ha ainda alguns pontos claros esparsos no resto do ventre.

Ctenus cuminamensis sp. n. (Figs. 24 e 25)

♀ — 11 mm. Cefalotorax: 7 mm. Pernas: 22-23-20-24 mm. Patelas com as tibias: 8,5-9-7-8,5 mm.

Olhos laterais posteriores salientes. Fila média procurva. Area dos olhos medios mais larga que longa, os posteriores muito maiores que os anteriores, mais estreita adiante que atrás. Clipeo mais baixo que os olhos anteriores. Escopulas subtarsaes muito densas. Queliceras com quatro dentes na borda inferior do sulco ungueal. Tibias anteriores (I e II) com 2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 laterais; protarsos com 2-2 espinhos inferiores e 1-1 laterais.

Cefalotorax pardo claro, com o meio do dorso mais escuro. Pernas e palpos pardos; queliceras fulvo-claras, bem como a peça labial e as laminas-maxilares. Abdomen de dorso pardo cervino, de lados e ventre fulvescentes, havendo no meio do ventre uma faixa longitudinal escura que se estende até as fiandeiras.

Zelotes trimaculatus sp. n. (Fig. 26)

♀ — 8 mm.

Cefalotorax baixo, muito estreitado adiante. Olhos posteriores pequenos, iguais, em fila mui levemente procurva, quasi direita, os medios separados um do outro dois diametros e a pouco menos dos

laterais. Olhos anteriores sub-contiguos, em fila procurva, os medios menores. Area dos olhos medios muito mais alta que larga, mais estreita adiante, de olhos anteriores maiores. Clipeo mais alto que os olhos anteriores, igual á metade da altura da area dos olhos medios. Quelicera mais alta que a fronte, mutica, de margem superior do sulco ungueal com cerdas. Peça labial estreita, de altura maior que a largura, excedendo o meio das laminas maxilares e de apice arredondado. Esterno bem mais longo que largo, terminando atrás em ponta, que separa as ancas posteriores. Fiandeiras inferiores muito separadas, situadas ao mesmo nivel que as fiandeiras médias, as quais partem de um pediculo comum. Fiandeiras superiores de segmento apical pequeno, arredondado, de fusulas apicais. Pernas do primeiro par com as tibias, protarsos e tarsos quasi do mesmo tamanho. Pernas armadas de espinhos fracos, sendo as posteriores mais espinhosas.

Cefalotorax negro. Palpos e pernas pardos, com os femures negros. As pernas posteriores (IV) ornadas de anéis escuros na base das tibias e protarsos. Esterno negro. Queliceras, peça labial e laminas maxilares castanho-negras. Ancas das pernas fulvas.

Abdomen oval-alongado, de fiandeiras apicais. Dorso castanho-negro, ornado de duas grandes manchas ovais, obliquas, quasi transversais, claras, na metade anterior e uma terceira, bem maior, mediana, transversal, do mesmo colorido, com uma saliencia posterior mediana e duas, menos notaveis, laterais, na metade posterior. Fiandeiras negras. Ventre de colorido pardo-escuro uniforme.

Sampaiosia g. n. *Sparassidae*.

Cefalotorax mais longo que largo, bem estreitado adiante, de região cefalica elevada. Olhos posteriores em fila muito procurva, iguais, os medios mais afastados. Olhos anteriores em fila levemente procurva, os medios muito maiores, equidistantes. Area dos olhos medios mais larga que alta, mais estreita adiante, os olhos anteriores muito maiores. Todos os tarsos curvos.

Difere este genero de todos os outros do grupo das *Deleneas* de Simon, a que pertence, pela fila de olhos posteriores fortemente recurva e pelos dentes muito pequenos das queliceras. Tipo:

Sampaiosia crulsi sp. n. (Figs. 27 e 28)

♂ — 7,5 mm.

Cefalotorax mais longo que largo, bem estreitado adiante, de região cefalica elevada. Olhos posteriores em fila fortemente procurva (uma recta tangente á borda posterior dos laterais passa adiante dos

medios), pequenos, iguais e equidistantes. Olhos anteriores em fila levemente procurva, os medios duas vezes maiores que os laterais e mais afastados entre si (quasi três diametros). Area dos olhos medios mais larga que alta, mais estreita adiante, os anteriores duas vezes maiores que os posteriores. Clipeo mais baixo que o diametro dos olhos medios anteriores. Pernas robustas; as tibias anteriores armadas de 2-2-2 espinhos inferiores, 1-1 de cada lado e 1 dorsal, no terço basal; protarsos com 2-2 espinhos inferiores na metade basal e 1-1 de cada lado, e providos de densa escopula; femures com 3-2-3 espinhos dorsais. Todos os tarsos curvos. Patelas muticas. Queliceras armadas de dois dentes muito pequenos, iguais, na margem inferior e de margem superior mutica, com uma fila de longos pêlos incurvos.

Cefalotorax côr de mogno, claro, com cerdas curtas, espiniformes, que formam no meio da região cefalica uma faixa longitudinal. Sulco mediano toracico longo e profundo. Pernas e queliceras da côr do cefalotorax. Abdomen castanho claro, com oito faixas transversais, castanho escuras, nos três quintos posteriores, as cinco primeiras formando V de vertice anterior das quais as três primeiras são interrompidas no centro. Toda a face ventral pardo-clara, sendo o esterno e ancas revestidos de curtas cerdas espiniformes. Palpos curtos de femur cilindrico, direito; patela pouco mais larga que o femur, levemente fusiforme, pouco mais longa que larga; tibia maior que a patela, com duas apófises curvas, ponteagudas, sendo uma apical, maior, mais escura e outra sub-apical, transversa; tarso de grande bulbo complexo, com o estilête em helice.

Olios subadultus sp. n. (Figs 29)

♂ (quasi adulto) — 15 mm.

Cefalotorax pouco mais longo que largo, de região cefalica elevada. Olhos posteriores em fila levemente procurva, iguais, equidistantes, separados uns dos outros cerca de três diametros. Area dos olhos medios tão longa quão larga, paralela, os olhos anteriores maiores. Olhos anteriores em fila levemente procurva, quasi direita, os olhos medios maiores, separados entre si um diametro e a meio diametro dos laterais. Clipeo mais baixo que os olhos anteriores. Margem inferior das queliceras com três dentes iguais, sub-contiguos; margem superior com dois dentes desiguais, o distal maior que os da margem inferior. Pernas robustas, de protarsos anteriores densamente escopulados até a base. Tibias dos dois primeiros pares com 2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 laterais; protarsos com 2-2 espinhos inferiores e 1-1 laterais. Femures anteriores com 3-2-3 espinhos dorsais; patelas muticas; as do mures anteriores com 3-2-3 espinhos dorsais; patelas muticas; as do segundo par com um espinho anterior.

Cefalotorax amarelo, com uma linha longitudinal fulva, que vai dos olhos medios posteriores á borda posterior, e com 2 linhas sinuosas na região cefalica. Queliceras amarelas, escurecendo rapidamente para o apice, que é quasi negro, e ornadas de uma linha longitudinal negra. Pernas e palpos fulvo claros. Esterno castanho-escuro, bem como as ancas e a peça labial. Laminas-maxilares castanho-escuras, com uma pequena mancha basal mais clara.

Abdomen de dorso amarelo-pardacento, ornado, nos dois quintos anteriores, de duas linhas negras longitudinais, proximas, paralelas, que se unem atrás e dão, no terço anterior, dois ramos recurvos, curtos; depois de reunidas dão mais dois ramos obliquos, seguidos de três linhas transversais curvas, cada vez mais curtas. Borda anterior (interrompida no meio) e lados negros. Ventre com a região epigastrica amarelo-sulfurea dos lados e castanha adiante; atrás da fenda pulmonar o ventre é negro, com pequenas manchas amarelas, marginais, de cada lado.

Olios orchiticus sp. n. (Figs. 30 e 31)

♀ — 12 mm.

Cefalotorax baixo, quasi tão largo quão longo, de região cefalica pouco elevada. Olhos anteriores em fila direita, os medios pouco maiores, equidistantes, separados um do outro um diametro. Olhos posteriores em fila pouco procurva (uma reta tangente á borda posterior dos laterais corta ao meio os medios), os laterais levemente maiores, equidistantes, separados mais de dois diametros. Area dos olhos medios de altura e largura iguais, levemente mais estreitada adiante. Clipeo mais baixo que os olhos anteriores. Queliceras com três robustos dentes na margem inferior e dois na superior, sendo o anterior bem maior. Pernas anteriores com os femures armados de 3-2-3 espinhos dorsais, patelas muticas, tibias com 2-2-2 espinhos inferiores e 1-1 laterais; protarsos com 2-2 espinhos inferiores e 1-1 laterais.

Cefalotorax fulvo claro; pernas da côr do cefalotorax, de protarsos negros; palpos fulvos, de tarsos negros. Queliceras fulvo-claras de garra fulvo-escura. Peça labial e laminas maxilares fulvas; esterno e ancas amarelo-claros.

Abdomen de dorso fulvo-cervino, mosqueado de fusco e ornado, no terço medio, de uma faixa longitudinal fusca, com três dentes de cada lado. Ventre cervino.

Epigino fulvo escuro, grande, com uma lingueta chitinsa mediana bilobada.

Castaneira (?) isophtalma sp. n. (Figs. 32 e 33)

♀ — 6 mm.

Olhos posteriores iguais, em fila fortemente procurva, os medios separados um do outro diametro e meio e a um diametro dos laterais. Olhos anteriores em fila mui levemente recurva, iguais, os medios separados um do outro um diametro e sub-contiguos aos laterais. Area dos olhos medios mais alta que larga, um nada mais estreita adiante. Clipeo mais baixo que a area dos olhos medios, apenas mais alto que a fila de olhos anteriores. Cefalotorax baixo, estreitado adiante. Cheliceras com a margem inferior armada de 3 dentes. Peça labial mais curta que larga, não atingindo o meio das laminas maxilares. Esterno granuloso, mais longo que largo, terminando adiante das ancas posteriores. Tibias anteriores com 2-2-2 espinhos inferiores e protarsos com 2-2, ornados de curta escópula apical. Abdomen oval, sem escudo dorsal.

Cefalotorax fulvo escuro. Esterno pardo. Ancas, peça labial e laminas maxilares pardas. Queliceras fulvo-claras. Pernas anteriores (I e II) fulvo-claras; as posteriores (III e IV) infuscadas, as ultimas com anéis claros na articulação do femur com a patela e na base e no apice das tibias. Abdomen castanho escuro, tendo, de cada lado, três linhas obliquas, indecisas, de pêlos claros. Ventre castanho-escuro uniforme.

Teudis grandivulvae sp. n. (Figs. 34 e 35)

♀ — 9 mm.

Cefalotorax quasi nada estreitado adiante, pouco elevado. Olhos posteriores iguais, os medios mais afastados, em linha direita. Fila de olhos anteriores menor que a posterior, de olhos sub-contiguos. Area dos olhos medios muito mais estreita adiante. Queliceras com 6 pequenos dentes na margem inferior, o terceiro e o quarto maiores. Tibias e protarsos anteriores muticos. Fenda traqueal no meio do ventre.

Todo o animal amarelo-claro, de queliceras fulvas. Epigino em U muito alongado.

Acragas unidentatus sp. n. (Figs. 36 e 37)

♂ — 5 mm.

Cefalotorax muito alto, de região toracica muito declive, quasi igual á cefalica, sem crista na região cefalica. Olhos anteriores em fila muito recurva (os laterais postos atrás dos medios). Olhos da segunda

fila quasi duas vezes mais proximos dos anteriores que dos posteriores. Clipeo excavado, em nivel posterior aos olhos medios anteriores e mais alto que êles, com um tufo mediano de pêlos espatulados. Queliceras robustas; a margem superior com um dente muito robusto, sub-apical e outro muito pequeno, quasi angular; a margem inferior com um só dente, muito mais robusto que os da margem superior. Pernas anteriores mais robustas; as tibias com 2-2-1-2 espinhos inferiores e os protarsos com 2-2; tibias do segundo par com 1-2-2 espinhos inferiores e protarsos com 2-2; protarsos dos dois ultimos pares com dois verticilos de espinhos. Esterno muito estreitado adiante, onde é mais estreito que a peça labial; esta ultima não alcança o meio das laminas maxilares. Abdomen estreito, acuminado atrás.

Palpos longos, de femur cilindrico; patela 4 vezes mais longa que larga, levemente estreitada na base; tibia um terço menor que a patela, com uma apófise apical externa curta, simples, dirigida para diante, negra; tarso quasi igual á patela, de grande bulbo basal, armado de curto estilête distal.

Cefalotorax côr de mogno, com alguns pêlos espatulados claros junto aos olhos e uma grande mancha triangular de base superior, de pêlos cremes, no clipeo, alcançando, em cima os olhos medios anteriores. Olhos em manchas negras. Clipeo quasi negro. Pernas com os dois terços basais dos femures amarelas, e com o terço apical e os outros segmentos fulvo-negros. Abdomen negro, com uma faixa longitudinal mediana de pêlos claros nos dois quintos medios. Esterno pardo, amarelado, bem como as ancas, a peça labial e as laminas máxilares. Ventre negro.

Agelista amazonica sp. n. (Figs. 38 e 39)

♀ — 9 mm.

Olhos anteriores em fila levemente recurva, Clipeo nú, igual a um terço dos olhos medios anteriores. Olhos da segunda fila quasi contíguos aos olhos laterais anteriores. Sulco toracico profundo, pouco atrás dos olhos posteriores. Area ocular mais estreita atrás que adiante. Cefalotorax alto. Queliceras com três dentes na margem inferior, que tem uma fimbria longa e densa. Abdomen pontudo atrás. Tibias anteriores com 2-2-2 espinhos inferiores e protarsos com 2-2; pernas posteriores com as tibias e protarsos armados de três verticilos de espinhos. Esterno oval, separando adiante as ancas anteriores mais que a largura da peça labial. Peça labial estreita, mais longa que larga. Fiandeiras terminais, iguais. Femures anteriores (I e II) mais dilatados que os posteriores.

Cefalotorax castanho, de região cefálica fulva, os olhos orlados de negro. Queliceras, peça labial e laminae maxilares castanho-escuros. Esterno amarelo claro, orlado de castanho escuro. Ancas pardo-claras. Pernas anteriores (I e II) com os dois terços basais dos femures amarelos, sendo o terço apical e os outros segmentos castanho-negros; pernas posteriores (III e IV) amarelas, com o apice dos femures, apice e base das tibias e dos protarsos fulvos. Abdômen castanho-cochonilha, rajado de pardo-claro e com uma faixa longitudinal mediana pardo-claro. Ventre pardo-claro, com as áreas pulmonares quasi negras e com duas faixas longitudinais castanho-negras, levemente obliquas para trás, onde se unem a uma faixa transversal do mesmo colorido e levemente angulosa, formando um longo U.

Itata partita sp. n. (Figs. 40, 41 e 42)

♂ — 6 mm. Abdomen 3×1 mm.

Cefalotorax pouco elevado, com a metade anterior da região torácica em plano igual ao do cefalotorax. Olhos anteriores em fila fortemente recurva. Olhos da segunda fila muito mais próximos dos anteriores que dos posteriores. Olhos posteriores menores que os laterais anteriores. Clipeo muito estreito, mais baixo que a metade dos olhos medios anteriores. Queliceras largas, robustas, com a margem superior com finos pêlos e robusto dente anterior; margem inferior com um dente anterior menor que o superior. Laminae-maxilares dilatadas no apice, de angulo externo saliente; peça labial bem mais longa que larga, pouco estreitada na base. Esterno pouco estreitado adiante, onde é mais largo que a peça labial. Pernas anteriores (I) bem maiores e mais robustas que as outras, as tibias com uma fimbria marginal anterior e 2-2-2 espinhos inferiores; protarsos com pêlos menos densos, não formando fimbria nitida e 2-2 espinhos inferiores. Tibias II a IV com 2-2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 laterais e 1-1 dorsais; protarsos com 2 verticilos. Abdomen estreito, pontudo atrás, de fiandeiras terminais.

Palpos curtos; de patela mais curta que larga, sub-globulosa; tibia igual á patela, com duas fortes apófises apicais internas, a inferior maior; tarso maior que a patela com a tibia, de enorme bulbo basal, saliente atrás, de modo a occultar toda a face inferior da tibia, com estilête apical em S.

Cefalotorax fulvo-escuro, de manchas oculares negras, com duas largas faixas laterais de pêlos brancos, que se unem atrás em largo U, e com um tufo de pêlos amarelados entre os olhos anteriores. Clipeo nú. Pernas anteriores (I) fulvo-escuras, lavadas de negro, com a fimbria das tibias e protarsos negra; as outras pernas, as queliceras, peça labial

e laminas maxilares fulvo-claras. Esterno fulvo-claro. Abdomen pardo-amarelado claro uniforme, apenas com duas manchas de pêlos trigueiros, pouco nitidas, na face ventral, perto das fiandeiras.

Lurio conspicuus sp. n. (Figs. 43 e 44)

♀ — 11 mm.

Cefalotorax mediocrementemente alto, declive logo atrás da região cefalica, baixando regularmente, com o sulco toracico logo atrás dos olhos. Olhos anteriores em fila recurva, os medios pouco maiores. Area ocular paralela, com os olhos da segunda fila pouco mais proximos dos anteriores que dos posteriores. Olhos posteriores iguais aos laterais anteriores. Abdomen oval alongado, muito maior que o cefalotorax. Pernas anteriores (I) muito mais robustas, de tibias espinhosas, cilindricas, fimbriadas, com 1-1 espinhos inferiores externos; protarsos com 2-2 espinhos inferiores; tibias II com um espinho apical interno e protarsos os anteriores. Tibias III e IV com um espinho apical externo e protarsos com dois espinhos apicais; patelas com as tibias III muito menores que as do quarto par. Esterno muito estreito adiante. Peça labial 2 vezes mais longa que larga, de ápice arredondado.

Cefalotorax, queliceras e palpos fulvo-negros, bem como as pernas anteriores. Pernas do segundo par fulvo-negras, com os dois terços basais dos femures amarelos; pernas posteriores (III e IV) com os dois terços basais dos femures, das tibias e dos protarsos e os tarsos amarelos, o resto como o cefalotorax. Cefalotorax revestido de escamas de reflexos metalicos. Esterno, peça labial, laminas maxilares e ancas do mesmo colorido do cefalotorax; base da face inferior dos femures amarela. Abdomen revestido de escamas de brilho metalico e longos pêlos simples, fulvo-negro, com uma larga faixa longitudinal mediana castanho-clara; lados do abdomen com três manchas quasi regularmente circulares, formadas por escamas lanceoladas brancas; ventre castanho-escuro, com uma faixa longitudinal inda mais escura.

Nas formas mais claras as ancas II a IV são pardas e as pernas II a IV quasi de colorido pardo uniforme; as manchas laterais do abdomen são muito pouco nitidas bem como a faixa longitudinal dorsal.

Cruksia g. n. *Salticidae unidentatae*
(Subfam. *Dendriphantinae*)

Cefalotorax alto, de região ocular levemente declive, sulco toracico pequeno, situado pouco atrás dos olhos posteriores. Area ocular paralela, pouco mais longa que larga. Olhos da segunda fila muito

mais proximos dos anteriores que dos posteriores. Olhos anteriores em fila nitidamente recurva, os medios muito maiores que os laterais. Clipeo baixo e nú. Queliceras com um robusto dente na margem inferior e um na superior. Pernas anteriores (ao menos na femea) pouco mais robustas, de tibias e protarsos armados de 2-2 espinhos inferiores, sem espinhos laterais. Tibias e protarsos posteriores espinhosos, os da tibia esparsos e os dos protarsos dispostos em 2 verticilos. Tibias com os protarsos III bem menores que os posteriores. Esterno pouco estreitado adiante. Abdomen oval curto de fiandeiras terminais.

O genero *Crulsia* pela disposição relativa de suas pernas e dos olhos aproxima-se das *Dendryphanteae*, mas pela forma do esterno e armadura das pernas posteriores se prende as *Evophrydeae* e *Hurteae*, ocupando posição intermediaria bem distinta, formando por si um grupo á parte.

Especie tipo:

***Crulsia typica* sp. n. (Figs. 45 e 46)**

♀ — 6 mm.

Olhos medios anteriores duas vezes maiores que os laterais.

Clipeo igual a meio diametro dos olhos anteriores. Peça labial de comprimento igual á largura. Abdomen oval curto.

Cefalotorax fulvo-escuro, com duas faixas negras que vão dos olhos anteriores aos olhos posteriores. Pernas pardas, com as articulações mais escuras. Queliceras, esterno, peça labial e laminas maxilares castanho-escuros. Abdomen pardo claro, com três manchas alaranjadas de cada lado e uma posterior mediana, castanho escura. Fiandeiras fuscas, em uma area fusca do abdomen.

***Dasyophrys* g. n. *Salticidae pluridentatae*
(Subfamilia *Trigoninae*)**

Cefalotorax alto, sem sulco, de região toracica muito declive. Olhos anteriores em fila recurva; os da segunda fila mais proximos dos anteriores. Pernas longas e delicadas; tibias I com 2-2-2 espinhos inferiores e protarsos com 2-2; protarsos III e IV com 2 verticilos. Queliceras do macho dilatadas, com dupla apófise dentiforme na face anterior, na base da garra; margem inferior e superior do sulco ungueal com 4 dentes pequenos. Esterno oval, pouco estreitado adiante;



Sarcophago n. 532



Cone funerario n. 573

Estatueta n. 81

A. CHILDE

Trabalhos da divisão egiptologica

- I — *Cone funerario n. 573 e Estatueta n. 81.*
- II — *Uma Estela da XIII^a Dinastia (Thebas) — Consulta feita ao Museu Nacional.*
- III — *Nota sobre um escaravelho egipcio da coleção particular do prof. Urstein de Warshawa (Polonia).*
- IV — *Tradução das inscrições do Sarcofago n. 532.*

A. CHILDE

I

Cone funerario n. 573 e Estatueta n. 81

É um cone de barro cozido, quebrado no apice e levando na base uma inscrição hieroglífica, que foi estampada com uma matriz de madeira, gravada «en creux». O objeto mede 0,21 de altura (atual) e 0,077 de diâmetro de base. Oriundo, sem dúvida, de Tebas, como o são as peças análogas dos diversos Museus. Os cones começam a aparecer na XII^a Din.^a e não passam da XXVI^a.

A inscrição bastante destruída é difícil a ler; consegui estabelecer o texto seguinte, salvo erros:



que creio poder assim traduzir:

1. O Sacerdote da hora (da manhã) de [A]men-[Rê]
2. na residência do Rei MEN-KHEPER-RÊ,
- 3...NEFER, nobre; a companheira dêle, por êle amada, At(?)
(ou Tjr) da.....
4.(as ofertas funerarias)? da aia do Senhor das 2
Terras, a Senhora....
5. matxrôon (μαχαρίτις)....

Nestas condições, sem outro recurso bibliográfico, é impossível determinar o nome do sacerdote ofertante, nem o da defunta «aia». O Sacerdote é um simples oficiante (*uab*) «um puro», daquêles encarregados dos ritos sagrados quotidianos, — êle é o oficiante da hora, sem duvida da 1.^a hora, ao nascer do Sol (Amen-Rã), — no palacio do Rei, — o que chamamos hoje «as matinas». Tais cargos, eram as vezes desempenados por principes, o que explica o determinativo «no-bre» que segue seu nome mutilado.... NEFER. Podia ser *uab* já aos 16 anos, e durante quatro anos; passava-se depois á «divino pai».

O nome real aqui especificado, permite fixar ao tempo do Sumo Sacerdote de Tebas, Menkhepera II, a data do cône. E' contemporaneo portanto da XXI.^a dinastia, cerca de 1050 antes da nossa era.

As opiniões diferem quanto ao uso daquêles cônes. A mais rasoavel é que representavam pães, para alimentar o «duplo» do defunto no tumulo do qual estavam depositados.

Estatueta n. 81

O Museu possui da mesma época uma estatueta mutilada, de bronze. Os braços que faltam estavam articulados. Sobre o avental triangular da «schenti» está gravada uma inscrição onde figura o cartucho real de MENKHEPER-RÊ, outróra encrustada de fios de ouro. Vestígios apenas ficam hoje. A inscrição diz:



O filho do 1.º Proféta de Amon, MENKHEPER-RÊ

Estimo que o nome aqui, não se refere ao filho do 1.º Proféta, mas que a estatueta representa o filho de Menkheper-Rê.

Este Sumo Sacerdote era filho do Sumo Sacerdote de Amon, *Painetchem I.*, que reinou 40 anos em Tanis. Já, primeiro proféta de Amon, em Tebas, Painetchem casou-se com a filha de *Pasebkanu I.*, rei de Tanis, o que lhe deu a corôa do Baixo Egito, em 1067, á morte dêste último. Menkheper-Rê, era o 3.º filho de Painetchem, e antes de assumir o 1.º Sacerdocio de Tebas, os seus dous irmãos mais velhos sucederam-se neste alto posto, que êle ganhou depois da morte do segundo, no 25.º ano do reinado do seu pae, em 1042. Daí segue que quando êle pôde assumir o cartucho real em redór do nome, já era um homem maduro. Ora, a estatueta n.º 81 representa um homem moço, quasi um rapaz — não podê ser o 1.º Proféta, e somente seu filho.

Menkheper-Rê casou-se com *Ast-m-Khebit* e foi pai do Sumo Sacerdote e rei *Painetchem II*, de *Hent-tawi*, e outros. Qual dêtes representa a nossa estatuêta, é impossivel dizê-lo. A base levava sem duvida inscrições que tivessem esclarecido o problema. O trabalho de escultura e de fundição é muito delicado e já faz presentir o que será a arte saíta.

As duas peças estudadas vieram ao Museu, com a coleção Fienigo, em 1824. Tudo faz presumir que estes objetos provenham de Gurnah, ou da Valle dos Reis, em Tebas.



A. CHILDE

II

Uma estela da XIII^a Dinastia (Thebas)

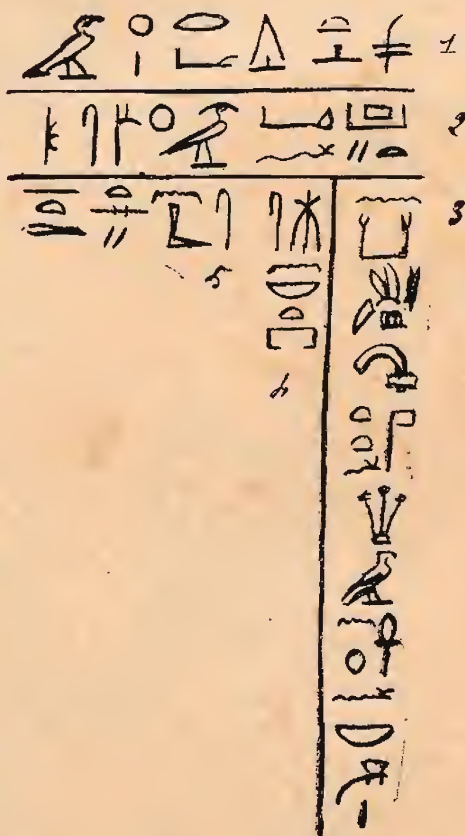
(Consulta feita ao Museu Nacional)

Ha alguns anos foi-me apresentada uma pequena estela egipcia, pelo Snr. Dr. Arsene Puttemans, do Fomento Agricola, — para traduzi-la, o que fiz, não tendo podido infelizmente, na ocasião, mandar tirar fotografia.

Encontrando hoje a cópia das inscrições, nos meus papeis, com a tradução, reparei que cometi então um erro inexplicável de atenção, á não ser pela pressa de responder na mesma ocasião. Não publiquei esta informação e resolvo faze-lo hoje, para não deixar o erro sem correção e mais ainda por ser a pedra um documento historico mais valioso do que pude julgar, num exame rapido, feito no meio de outros trabalhos.

A estela está gravada nas duas faces. Na primeira temos a Inscrição seguinte:

- 1) *Oferta real a Her-*
- 2) *Aākhtui. Dê ele a consagração completa.*
- 3) *para a alma do Chanceler real, divino padre (1), HA-ANKH-F, Senhor veneravel.*
- 4) *filho da Senhora.*
- 5) *SENEBTISI, a bemaventurada defunta.*



(1) Foi este titulo *nt'r'tf* «divino padre» que não tinha traduzido, incluindo-o no nome proprio.

No verso a 2.^a inscrição da:
O que traduz:

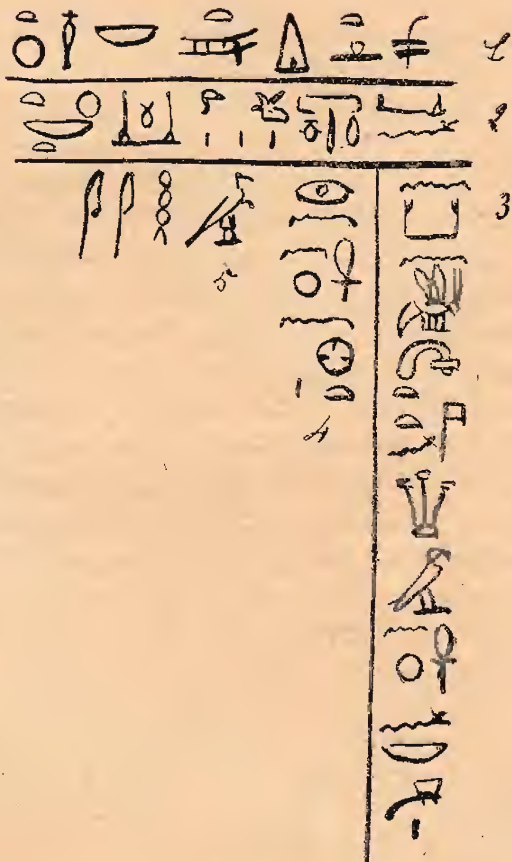
1) *Ojerta real* [para] *Tum, Senhor*
de Junu (Heliopolis).

2) *Dê êle as ojertas funerarias, os*
bois, os gansos, os vestimentos,
as cousas todas [bôas e puras].

3) *para a alma do real Chanceler,*
divino padre, HA-ANKH-F, Senhor
veneravel

4) *filho do cidadão*

5) NEHI.



HA-ANKH-F. tem um titulo modesto, «divino padre», entretanto êle se casou com uma princeza de sangue real, KEMI (R. Weill. *La fin du Moyen Empire égyptien*, 1918) e deu 2 reis ao Egito, seus filhos Neferhetep I, e Sebekhetep III. A estela pertence portanto a XIII^a Din.^a, o periodo que precedeu imediatamente o dominio dos Hyksos (cerca de 1800 a 1700 antes da nossa era). Ha numerosos escaravêlhos e inscrições que pertencem aos reinados de Sebekhetep, nos Museus da Europa. Uma estela atribuida a Neferhetep conta que o Faraó desejava ler os livros do Deus Tum, conservados no templo de Abydos (Budge. *Hy. of Egypt*. T. III, p. 97) e que, tendo obtido licença de o fazer êle resolveu restaurar o templo ao seu primitivo esplendôr. A estela foi considerada como apócrifa, entretanto a estela atual, testemunha que o pai do mesmo rei, já era um fiel do Deus Tum. Diversas inscrições associam o pai e a mãe dos 2 Faraós as honras dos filhos reais, — entretanto não encontrei em parte alguma menção da filiação de *Ha-Ankh-f*. Vemos que esta pequena estela apresenta um grande interesse, por nos fornecer justamente os nomes dos avós dos 2 reis, — nomes que me parecem ter sido até hoje desconhecidos.

*
* *

Procurando o Dr. Arsène Puttemans, para saber se podia hoje ainda encontrar o pequeno monumento no Rio — soube que era propriedade dum amigo dêle, o Engenheiro agronomo Dr. Felisberto Cardoso de Camargo, da Estação de Pomicultura de Deodoro. Este senhor muito amavelmente me forneceu as fotografias das 2 faces da pedra que acompanham a nota presente, — e referiu-me que a pedra foi achada em terrenos do Palacio do Duque de Saxe, quando se construia a Escola de Agricultura. Pertenceu ao Duque e foi provavelmente um presente que recebeu do Imperador D. Pédro II, ou uma aquisição feita durante viagem ao velho mundo.

Aproveito o ensejo para agradecer ao Snr. Dr. Puttemans e ao Snr. Dr. F. de Camargo, os atenciosos obsequios e as fotografias dêste documento precioso.





Estela da XIIIª Dynastia



A. CHILDE

III

Nota sobre um escaravelho egípcio da coleção particular do Prof. Urstein de Warshawa (Polónia)

O Professor Urstein, de passagem no Rio, consultou-nos sobre a autenticidade de uma serie de peças arqueologicas, provenientes de diversos países — e que tinha compradas em São Paulo. Pudemos identificá-las, e entre elas achava-se um escaravelho egípcio de marmore preto, mosqueado de pintas brancas. De forma oval, media $0,029 \times 0,042$. Tiramos um molde sobre gesso da inscrição gravada sobre a base; infelizmente o pouco tempo de que dispuzemos, porque o Professor Urstein não se podia demorar, não permitiu recommençar uma segunda prova — e a primeira saíu relativamente pouco legivel.

A fotografia junta dará uma idea da inscrição estudada (1).

Entretanto conseguimos restabelecer o texto que corre assim:

Tradução. Palavras do Osiris. NESI. — O justo de voz:

Diz êle: O coração [que vem] da minha mãe (2 vezes=i. e. repetir 2 vezes); Coração das minhas transformações não esteja levantado contra [mim], não [forneças] testemunhos [contra mim], estabelece firma [minha] boca...

Seguem uns signos ainda, 2 ou 3, illegiveis.

O texto traduzido permite estabelecer que a peça é um escaravelho dito «de coração»; aqueles que se applicavam sobre o peito do defunto debaixo das ataduras — inscrito com uns trechos abreviados do Capitulo XXX, do «Livro dos mortos».

A gravura da inscrição é pouco cuidada, e torna as vezes difficil a leitura.

Este nome de NESI, embora escrito de um modo pouco diverso se encontra no reinado de Takelot I, 900 antes de nossa era, como pertencente a um official.

Creiu que o escaravelho tambem corresponde aproximadamente a mesma epoca, ou seja um pouco anterior.

(1) Vide gravura á pagina seguinte.



— 𐀀𐀁
𐀀𐀁𐀂𐀃𐀄𐀅
𐀆𐀇𐀈𐀉𐀊𐀋
𐀌𐀍𐀎𐀏𐀐𐀑
𐀒𐀓𐀔𐀕𐀖𐀗
𐀘𐀙𐀚𐀛𐀜

A. CHILDE

IV

Tradução das inscrições do Sarcófago n. 532

Este sarcófago, considerado muito tempo como falso, parece pertencer a XX^a. Dinastia, ou tempo pouco posterior, entre 1200 e 1100 ant. da nossa era. Sempre sustentei a sua autenticidade e tive a satisfação, alguns anos atrás, de ver confirmado o meu juízo, pelo saudoso Conselheiro, Snr. Barão Homem de Mello, que á ocasião de uma visita ao Museu Nacional, reconheceu-o como tendo sido oferecido pelo Khedive do Egito, Ismail, ao Imperador do Brasil, D. Pedro 2^o, quando viajou no Egito, em 1876. D. Pedro guardava o dito sarcófago, em pé, no seu gabinete de trabalho, perto duma janela. Uma violenta tempestade tendo, um dia, aberto a janela, o caixão foi atingido pela aldrava, que quebrou uma parte do costado.

Dei nos Arquivos do Museu Nacional, Vol. XXV. 1925, pp. 287-290, uma descrição desta peça. Apresento hoje a tradução das inscrições.

*

* *

A figura pintada sob o colar, em fórmula de carneiro, que proteja o peito da defunta, não é a do Deus Amon, e sim de *Aufu* (a carne de Ra), representando o Sol morto, que atravessa o mundo da noite, para renascer o dia seguinte. O defunto passava por acompanhar o sol na sua viagem noturna.

*

* *

Inscrição n. I.—As inscrições muito pouco cuidadas, apresen-

tam numerosos erros. Assim



por



Amsel, justo de voz. Chamado também pela variante *Mesta*, é um dos 4 filhos de Horus, ao qual estava assinado o sul. E de estranhar o qualificativo «*makhroou*», justo de voz que se junta comumente aos nomes dos defuntos sómente.

*
* *

Inscrição n. 2. — Publicada na descrição citada (p. 287) em 2 linhas, forma uma linha só no original. A leitura começa na 1ª linha, da direita para a esquerda.

Vida! Oferta real a Osiris Khent Ament (Chefe do ocidente), *Deus grande, Senhor de Abidos, para que proteja a cantora da capela de Amen* SHA AMEN SU.

A segunda linha, da esquerda á direita:

Vida. Oferta real a Osiris, chefe do naos divino, para que proteja a cantora da capela de Amon, SHA AMEN SU.



*
* *

Inscrição n. 3. — É o complemento gráfico da figura pintada, que representa Horus, o Deus de Apolinopolis Magna. Diz;

[Horus de] *Hut, Deus grande, Senhor do Ceu.*

Hut é o nome egípcio, sagrado da cidade que os Gregos chamaram de Apolinopolis Magna.

*
* *

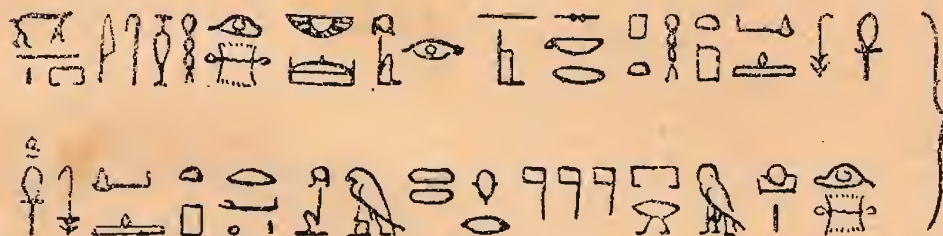
Inscrição n. 4—O Deus *Seker* (Sokaris dos Gregos) é uma outra alegoria do Sol noturno. Representado sob a figura de um gavião, com o nome ao lado: *Seker*. A faca como determinativo, é um erro do escriba, porque pertence a palavra homonima *seger*, significando «cortar, destruir».

*
* * *

Inscrição n. 5—E' a repetição do n. 3.

*
* * *

Inscrição n. 6.—Em 2 linhas na publicação anterior (p. 288). A 1.^a linhas lê-se da direita a esquerda:



Vida! Oferta real a Ptah (1) Seker Osiris, Senhor (2) da sepultura, para que proteja a cantora da capela...

(1) A grafia do nome de Ptah está alterada, por engano ou distração, em *hpt*, i. e. escrito ás avessas em relação ao sentido da leitura.

(2) O signo *neb* «senhor» foi substituído erradamente pelo determinativo da palavra *heti* «ser desfraldado».

A 2.^a linha, da esquerda para a direita:

Vida. Oferta real a Ra-Horkhuti, Chefe dos Deuses, sobre o horizonte (isto é o Sol nascente) para proteger...

*
* * *

Inscrição n. 7. — *Isis* com o nome.

Palavras de Isis a grande mãe divina (1).


(1) Está pintado *ar*, o escriba pensando provavelmente a palavra *as-ar* (Osiris), onde o mesmo *ar* assim escrito já seria anormal. E' evidentemente a palavra *ur* que devia ser traçada «grande», porque é a titulação comum com o nome de *mãe divina*. O pintor desenhou uma aguia por uma andorinha.

*
* * *

Inscrição n. 8.—*Nepthys* com seu nome, seguida de *Anubis*.

Palavras de Nepthys, para aperfeiçoar (I) (Isto é «tornar excelentes os ritos).

(I). A inscrição está errada e presta a ambiguidade. Pode ser lida:

Amen Ra khroou 2º. *Amen khroou*. No 1.º caso significaria «a voz de Amon Ra» o que não tem razão de ser. No 2.º caso seria «a voz secreta», muito duvidoso porque «secreta» não tem o determinativo específico, e também não tem significação na figura presente. Admito portanto um duplo erro de grafia:: o *a* de *Amen* é um *s*, o círculo é *kh* e o ideografo *khroou* está no lugar do determinativo  especie de colher de pedreiro, com a qual rematam o revestimento de cal das paredes. Leio pois, em vez de *Amen*, a palavra *smenkh* «acabar, aperfeiçoar, conduzir á bem».

Em cima do *Anubis* que acompanha a deusa, o seu nome erradamente escrito também: *rnp* por *anp*, isto é *Anpu* Anubis (Inscrição n. 9).





*
* * *

Inscrições nos 10 e 11.—O nome do Deus *Knum*, o oleiro, que modelou os deuses e os homens de barro, representado pelo seu hiéroglypho: um vaso

*
* * *

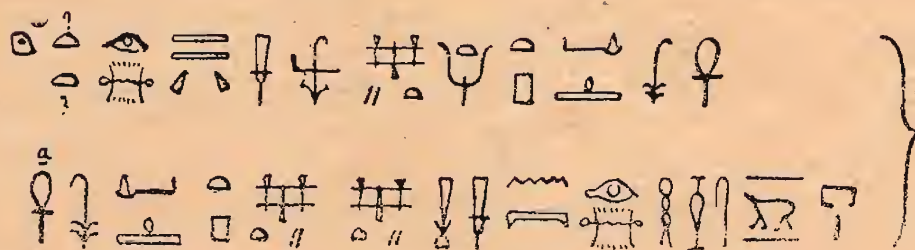
Inscrição n. 12.—É difícil a interpretar, porque a inscrição se refere ao hipopótamo pintado no quadro. Este animal é a Deusa *Thoueris* (Ta-ur). Ora a inscrição diz: *Nut* (que é Deusa do Céu) e o que segue pode ser traduzido *mes neteru* «creadora dos Deusés». O 1.º capítulo do «Livro dos Mortos» diz: «Sou um daqueles Deuses, nascidos de Nout...» Estas divindades são Osiris, Isis, Set, Nephthys, Anubis, Shu e Tefnut.

Si supormos que em vez de *Nut* ha de se ler *pet*, deveríamos traduzir: *O Céu sua residencia divina*, se referindo naturalmente a *Thoueris*. Sabemos que *Ta-ur*, o hipopótamo, figura nos zodiacos perto do pólo. Nesta ultima hipotese, haveria um erro do escriba que pintou


 por  Na primeira o erro é de  por , isto é «sala» por «creadora».

* * *


Inscrição n. 13 em 2 linhas. A 1.ª começa da direita.



Vida! Oferta real a Ap-Heru o guarda(1) poderoso das 2 terras (2), para que proteja. (3).

(1). O signo aqui pintado se lê *kmei* e significa cantora» É evidente que não tem razão de ser aqui, e está em lugar de  lido *shena* e significando «defender, guardar» (Pierret p. 586).


(2). As 2 terras são os 2 mundos, o terrestre e o funerario. *Ap-Heru* foi identificado com *Anubis*, o psicopompo dos Egipcios.

(3). Os signos traçados no fim desta sentença não têm explicação. Lêem-se *tt hnt* e poderiam apenas serem interpretados como «a presente»  *hnty*.

A 2.ª linha se lê da direita para a esquerda.

Vida. Oferta real aos 2 Horus, guardas poderosos (1) do Céu para que protejam a Cantora da capela.

(1). A presença nesta membro de sentença da palavra *sen* em paralelismo com *shena* do membro anterior, confirma a justeza da nossa substituição, no 1.º caso. *Sen* aliás, significa também «guia» (Pierret, p.

501, s. v.  .

*
* *

Inscrição n. 14.—Não foi copiada completamente na publicação do texto (p. 290). Traçada em 4 colunas verticais bastante grosseiramente. Começa pela 1ª coluna a direita e segue pelas outras, que contrariamente ao costume, estão escritas as avessas, como si se devessem ler da esquerda a direita.



Ojerta real para Osiris Khent Ament, Deus grande, Senhor de Abidos, para que dê milhares de pães e de jarrões de cervéja, de bois, de gansos, de perfumes frescos, perante a Cantora da capela de Amen SHA AMEN M SU.

O nome aqui variou em vez de *Sha Amen Sú*.

*
* *

Inscrição n. 15. Um chacal. *Anubis*.

Anubis, Senhor de Karirit (ou Raqirit)).

E' uma localidade do nome de Siut, provavelmente a necrópole e dominio místico de Anubis, diz Maspéro, Osiris atravessa esta região durante a 8.ª hora. (Etud. de Mythol. et Archeol. egypt. T. I, p. 64, note 2). O desenhista também aqui cometeu erros de escritura: o *t* falta e o determinativo da cidade foi trocado pelo hieroglifo do Sol (ou do dia).

*
* *

Inscrição n. 16. — Um chacal. *Anubis*, sem o nome, apenas com o título *Senhor de Djeser*.

Djeser é o cemiterio, a necrópole. E' curioso lembrar que em arabe «*el Djezair*» significa «os ilhotes». E' a etimologia de Algé-siras. Para os Egipcios tambem, os *Campos de Aarou*, eram ilhotes e representavam o Paraiso dos Bemaventurados.

NOTA — A orthographia adoptada aqui, não é do autor.



Publicações do Museu Nacional

— RIO DE JANEIRO —

Archivos -- N.º I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII, XXIX, XXX, XXXI, XXXII, XXXIII (no prélo).

Primeira Publicação..... Março 1876

Boletim -- 1.º Vol. N.º 1, 2, 3, 4, 5, 6.
2.º Vol. N.º 1, 2, 3, 4, 5, 6.
3.º Vol. N.º 1, 2, 3, 4.
4.º Vol. N.º 1, 2, 3, 4.
5.º Vol. N.º 1, 2, 3, 4.
6.º Vol. N.º 1, 2, 3, 4.
7.º Vol. N.º 1, 2, 3, 4.
8.º Vol. N.º 1 (no prélo)

Primeira Publicação..... Novembro 1923

Quadros Elementares de Historia Natural.
Mappa Phytogeographico do Brasil.
Guias das Coleções.
Catalogos.
Relatorios.

NOTA: Os Archivos do Museu Nacional são publicados sem data fixa; O Boletim do Museu Nacional é regularmente publicado em Março, Junho, Setembro e Dezembro.

A correspondencia relativa ás publicações do MUSEU NACIONAL, deve ser dirigida ao Director do Museu, Professor E. Roquette-Pinto — Quinta da Boa Vista — Rio de Janeiro.